



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU
ARQUITETURA E URBANISMO

ANITTA PAULA ALVES PEREIRA

**ANTEPROJETO DE UM STUDIO MÓVEL DE DANÇA:
unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do *Hip Hop***

Maceió – AL

2020

ANITTA PAULA ALVES PEREIRA

**ANTEPROJETO DE UM STUDIO MÓVEL DE DANÇA:
unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do *Hip Hop***

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao colegiado do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, Campus A. C. Simões, como requisito para obtenção de Título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Anna Maria Vieira Soares Filha.

Maceió - AL

02 de março de 2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- P436a Pereira, Anitta Paula Alves.
 Anteprojeto de um Studio móvel de dança : unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do *Hip Hop* / Anitta Paula Alves Pereira. - 2020.
 76, 8 f. : il. color.
- Orientadora: Anna Maria Vieira Soares Filha.
 Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2021.
- Bibliografia: f. 64-68.
 Inclui apêndices.
1. *Hip-Hop* (Cultura popular). 2. Danças urbanas. 3. Mobilidade social. 4. Economia criativa. I. Título

CDU: 725.82:793.34

Para as pessoas que me apoiaram no desenvolver deste trabalho,
assim como para aqueles que fazem parte da cultura *Hip Hop* nesta cidade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos íntimos que me apoiaram e incentivaram.

Ao meu irmão Juan Alves.

A minha orientadora professora Anna Maria Vieira Soares Filha, por ter sido uma excelente orientadora e amiga e por ser sido tão paciente e compreensiva comigo no desenvolver deste TFG, me impulsionando, incentivando a continuar e a dar o meu melhor.

A professora Gianna Melo Barbiratto e a Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Morgana Maria Cavalcante, por em momentos específicos terem me dado o incentivo que eu precisava para seguir em frente com o curso.

A minha banca examinadora, pelas contribuições e pela compreensão em relação aos curtos prazos que eu tinha para desenvolver o trabalho.

A coordenadora do curso, Manuella Marianna Andrade, e a coordenadora do Trabalho Final da Graduação (TFG) do curso, Lúcia Hidaka.

A minha amiga Mayna Tenório, pela sua contribuição neste trabalho.

A depressão (já superada) que desenvolvi no decorrer do curso, que apesar de ter adiado a minha formação me fez mais forte.

E a todos que contribuíram de forma indireta na elaboração deste trabalho e na minha formação profissional.

RESUMO

O *Hip Hop* cresce progressivamente na cidade de Maceió – AL e na vertente danças urbanas ele é representado por muitos grupos de caráter social, mas que não possuem apoio financeiro e nem locais fixos para aulas, treinos e ensaios coreográficos, acabando por depender de parcerias temporárias com certas entidades. Para ajudar a mudar essa realidade, dar mais voz a estes sujeitos e criar oportunidades, o trabalho propõe o anteprojeto de um *Studio móvel de dança* como unidade autônoma e compositiva de um futuro centro cultural do *Hip Hop*. Como método foi elaborado uma pesquisa sobre a cultura *Hip Hop* e a atuação de grupos de danças urbanas em Maceió, suas características e localização, análise de espaços culturais da cidade e localização; discussão teórica sobre a crise do modernismo, o papel das vanguardas e dos movimentos contraculturais para a contemporaneidade e para o surgimento da economia criativa e sobre sustentabilidade a partir do qual se constitui o conceito. E enfim a metodologia que envolve o projeto: da construção do conceito a sua materialidade, prevendo o estudo de implantação em um terreno urbano aleatório, setorização dos ambientes/zonamento, fluxo de pessoas e escolha de materiais, mobília e equipamentos.

Palavras-chave: Cultura *Hip Hop*, Danças urbanas, Mobilidade, Economia criativa.

ABSTRACT

Hip Hop grows progressively in the city of Maceio (Estate of Alagoas) and has being represented by many groups of a social character in the hip-hop trend of urban dances, but these groups do not have financial support or fixed locations for their classes, training and choreographic rehearsals, instead, depending on temporary partnerships with some legal persons. To help change this reality, give these individuals more voice, and create opportunities, this paper proposes the preliminary design of a mobile dance studio as an autonomous and compositional unit for a future hip-hop cultural center. This paper used the method of research on hip-hop culture and on the groups of urban dances in Maceio, their characteristics and location, and the analysis of cultural spaces in the city and location. As well a theoretical discussion on the crisis of modernism, the role of avant-garde and countercultures movements for contemporary times and for the emergence of the creative economy and sustainability from which the concept has formed. And finally the methodology that involves the project: from the construction of the concept to its materiality, foreseeing the study of implantation (in a random urban land), sectorization of environments/zoning, flow of people and choice of materials, furniture and equipment.

Key Words: Hip Hop Culture, Urban Dances, Mobility, Creative Economy.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 – DJ Afrika Bambaataa.....	15
Figura 3 – Dançarino Robert Maxwell dos Santos, na era do <i>SDKQ Crew</i> , em batalha contra o <i>União Quilombrothes</i> , no evento Abril Pró <i>Hip Hop</i> , realizado no SESC Poço	16
Figura 4 – Localização dos equipamentos culturais da cidade de Maceió.....	20
Figura 5 – <i>SDKQ Crew</i> depois de apresentação na Escola Municipal Luiz Pedro – I.....	22
Figuras 6 e 7 – Participação do <i>SDKQ Crew</i> no espetáculo do Sesi Cambona “O Mundo Encantado de Caralâmpia”, no Teatro Deodoro, em Maceió (2013).....	22
Figura 8 – <i>SDKQ Crew</i> antes de apresentação na 8ª Mostra Miguelense de Dança, em São Miguel dos Campos	23
Figuras 9 e 10 – Participação do <i>SDKQ Crew</i> no espetáculo do Sesi “Era uma vez uma Menina que sonhava em ser Bailarina”, no Teatro Deodoro (2014).....	23
Figuras 11 e 12 – Participação do <i>SDKQ Crew</i> no espetáculo do Sesi “Mais Uma Vez Primavera”, no Teatro Deodoro (2015)	23
Figura 13 – Dia de treino e ensaio do <i>SDKQ Crew</i> em sala cedida pelo Parque Municipal de Maceió.....	24
Figura 14 – Dia de treino e ensaio do <i>SDKQ Crew</i> na Escola Municipal Tradutor João Sampaio, com participação de ex-integrantes.....	24
Figura 15 – Frente da Escola Municipal Tradutor João Sampaio, com o pátio em destaque	25
Figura 16 – Sede do Centro de Referência de Assistência Social em Bebedouro (CRAS Bebedouro)	25
Figura 17 – Grupo <i>Nêgo Love MZS Crew</i>	26
Figuras 18 e 19 – Evento da <i>Cia Hip Hop de Alagoas</i> no bairro da Cidade Universitária	27
Figura 20 – Evento da Associação Alagoana de Hip Hop Guerreiros Quilombolas ..	27
Figura 21 – Intervenção com Grafite da Associação Alagoana de Hip Hop Guerreiros Quilombolas	27
Figura 22 – Fachada do Teatro Deodoro	30

Figura 23 – Palco e assentos do Teatro Deodoro	30
Figura 24 – Fachada do Teatro de Arena	30
Figura 25 – Palco e assentos do Teatro de Arena	30
Figura 26 – Fachada do Complexo Cultural Teatro Deodoro	31
Figura 27 – Palco e assentos do Teatro Gustavo Leite.....	32
Figura 28 – Fachada do Espaço Cultural Linda Mascarenhas	33
Figura 29 – Palco e plateia em espetáculo no Espaço Cultural Linda Mascarenhas	33
Figura 30 – Localização dos equipamentos culturais da cidade de Maceió que abriram as portas para o <i>Hip Hop</i>	34
Figura 31 – Comparativo entre a localização dos equipamentos culturais que abriram as portas para o <i>Hip Hop</i> e os grupos de <i>Hip Hop</i> notáveis, outros grupos e dançarinos solos	35
Figura 32 – Harborplace em Baltimore, EUA	39
Figura 33 – Piazza D'Italia, New Orleans, EUA.....	39
Figura 34 – Kombi.....	43
Figura 35 – <i>Plug-in-City</i>	44
Figura 36 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	46
Figuras 37 e 38 – Container <i>Dry</i> e Container <i>High Cube</i>	48
Figuras 39 e 40 – Medidas dos Containers <i>Dry</i> e <i>High Cube</i>	48
Figura 41 – Casa trailer da empresa Handcrafted Movement, de Washington, nos EUA.....	49
Figura 42 – “De Markies” (O Toldo), construída em 1985 pelo designer holandês Eduard Bohtlingk	49
Figura 43 – Esboço do Studio móvel de dança <i>Hip Hop</i>	56
Figura 44 – Esboço de outra configuração dos espaços para o Studio móvel de dança Hip Hop.....	56
Figura 45 – Possíveis configurações no terreno para o Centro cultural mutável de incentivo à cultura <i>Hip Hop</i>	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 GRUPOS DE DANÇAS DE VERTENTE <i>HIP HOP</i> EM MACEIÓ	15
1.1 A origem da cultura <i>Hip Hop</i>	15
1.2 Características dos grupos de danças urbanas em Maceió – AL	18
1.2.1 O <i>SDKQ Crew</i>	20
1.2.2 Outros grupos notáveis	26
2 ANÁLISE POR BAIRRO DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE MACEIÓ UTILIZADOS PELO <i>HIP HOP</i>	29
2.1 Equipamentos culturais no bairro Centro	29
2.2 Equipamentos culturais em Jaraguá	32
2.3 Equipamentos culturais no Farol	32
2.4 Mapeamento dos equipamentos culturais de Maceió	33
2.5 Comparativo: Experiência de Morgana Maria Cavalcante no Centro Cultural São Paulo	36
3 <i>STUDIO MÓVEL DE DANÇA</i> COMO UNIDADE AUTÔNOMA E COMPOSITIVA: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	38
3.1 Pós-modernismo	38
3.2 Crise do funcionalismo	41
3.3 Movimentos contraculturais e o Movimento <i>Hippie</i>	42
3.4 Grupo Archigram	43
3.5 Sustentabilidade	44
3.6 Formas e materiais alternativos	46
3.6.1 Container	46
3.6.2 Trailer ou ônibus	49
3.6.3 Outras possibilidades de materiais	50
3.7 Por uma economia artisticamente criativa	50
4 PROPOSTA	53
4.1 Programa básico de necessidades da unidade autônoma e do conjunto	55
4.2 Esboços	56

4.3 Anteprojeto do <i>Studio móvel de dança</i> : unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do <i>Hip Hop</i>	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE A – Materiais, mobília e equipamentos	69
APÊNDICE B – Planta de cobertura	70
APÊNDICE C – Planta baixa	71
APÊNDICE D – Cortes	72
APÊNDICE E – Piso, teto e parede	73
APÊNDICE F – Fachadas norte e sul	74
APÊNDICE G – Fachadas leste e oeste	75
APÊNDICE H – Perspectivas e logo	76

INTRODUÇÃO

A cultura *Hip Hop* e algumas de suas vertentes crescem cada dia mais em determinadas localidades da cidade Maceió – AL, especialmente em bairros de baixa renda, como Petrópolis, Chã da Jaqueira, Bebedouro, Ponta Grossa, Village Campestre II, Eustáquio Gomes e Benedito Bentes, influenciando a vida de muitos adolescentes e jovens, agindo como alternativa de uma realidade mais promissora e como um suporte de perspectivas futuras. A dança urbana é uma dessas vertentes em ascensão, sendo representada por muitos grupos que, amadores em sua maioria, estão se profissionalizando e se destacando no cenário local, participando em pequenos e grandes eventos culturais como a *Mostra Alagoana de Cultura Hip Hop*, evento específico e de menor porte que terá a sua quarta edição este ano (2020), e a *Mostra Alagoana de Dança*, evento que ocorre anualmente no estado de Alagoas para celebrar diversos tipos de dança. Estes aspectos e a dinâmica dos grupos também fazem com que sejam inseridos como elementos potenciais para incrementar a economia criativa da cidade.

Porém, muitos destes grupos não possuem apoio financeiro e nem locais fixos para aulas, treinos e ensaios coreográficos, acabando por depender de parcerias temporárias com certas entidades, como escolas públicas, por exemplo. A realidade é que a maioria treina em lugares muito confinados e sem estrutura adequada à dança e possui uma limitação financeira que não permite o acesso à espaços melhor equipados que favoreçam o perfeccionismo da dança. Um espaço ideal para treino é uma aspiração coletiva de diversos grupos de danças urbanas, que além de trazer melhoria na parte de aprimoramento artístico, pode facilitar a abertura de diversas possibilidades para os integrantes, tanto no campo profissional quanto no pessoal. Sendo assim, a falta de valorização adequada e o pouco incentivo aos grupos por parte do poder público, desconsidera ou não dá o devido valor ao papel social que desempenham e o seu poder transformador.

O projeto social desenvolvido pelo grupo de danças urbanas *SDKQ Crew* (*Street Dance Kings and Queens* em inglês e Reis e Rainhas da Dança de Rua em português), de Maceió - AL, contribuiu para a população em diversos aspectos de inclusão/integração social e de incentivo à cultura e a arte. Uma proposta como esta, age como um meio de fuga de problemas sociais, como as drogas e a violência

urbana e ainda apresenta uma expressão cultural, podendo trazer dessa forma novas perspectivas de futuro a beneficiados. As danças urbanas possibilitam as crianças e jovens que residem em bairros populares uma alternativa de acessarem espaços urbanos privilegiados da cidade, sendo uma forma de inseri-los na sociedade, dando-lhes maior visibilidade.

A palavra *Crew*, em inglês, significando “equipe, grupo ou tripulação” em português, é um termo usado por muitos conjuntos de danças urbanas e de *Rap* para compor suas titulações e especificar que se trata de um conjunto e não de um artista solo. Enfatizando a importância de simbolizar a noção do coletivo.

A magia da dança, que se dá por meio de movimentos corporais na maioria das vezes em sincronia com música, sempre me encantou. Integrante do *SDKQ Crew* durante dois anos (julho de 2015 a março de 2017) realizei um sonho que acalentava desde criança. Acredito que uma experiência como a minha poderia ser muito proveitosa para outras pessoas, principalmente para adolescentes e jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social, ressaltando que as atividades artísticas são grandes agentes transformadores de vidas e realidades. Vi de perto o potencial transformador do *Hip Hop* e ainda quero contribuir com esta cultura.

É importante informar que quando este TFG foi iniciado, em 2017, eu ainda integrava o grupo *SDKQ Crew* e ele ainda estava em atividade. Dei uma pausa no TFG e ainda saí do grupo por questões pessoais, quando retomei o trabalho, o *SDKQ Crew* já havia encerrado as suas atividades, o que não zera a sua importância neste trabalho e nem o invalida como exemplo de um dos mais importantes grupos de danças urbanas que já atuou na cidade de Maceió.

Objetivos

Objetivo geral

O trabalho propõe o Anteprojeto de um *Studio móvel de dança*, como unidade autônoma e compositiva de um futuro centro cultural do *Hip Hop* para a cidade de Maceió – AL, dando destaque às danças urbanas, com qualidades sustentáveis e autogestão.

Objetivos secundários

Os objetivos secundários compreendem em: a) mapear os grupos de danças urbanas do *Hip Hop* na cidade de Maceió, destacando suas características e atuação; b) analisar os espaços culturais da cidade quanto às características que oferecem para treino e para apresentação dos grupos de dança; c) divulgar, promover e incentivar as danças urbanas considerando que atuam na socialização e na inclusão social; d) projetar uma estrutura móvel, inovadora e sustentável, cuja execução seja financeiramente viável e) oferecer espaço para ensaios, treinamentos, aulas, eventos e intervenções artísticas. f) criar condições favoráveis para concorrer aos editais culturais recebendo deles os subsídios necessários.

Metodologia

A metodologia utilizada na elaboração do trabalho constitui em:

1. Pesquisa bibliográfica sobre a cultura *Hip Hop* e suas origens, sobre o movimento pós-moderno, crise do funcionalismo, movimentos contraculturais, grupos de vanguarda, sustentabilidade e economia criativa, avaliando especificidades e contradições como base da discussão teórica;
2. Caracterização e mapeamento de grupos de danças urbanas em Maceió, procurando identificar suas áreas de influência;
3. Análise de equipamentos culturais da cidade quanto aos aspectos de ensaios e apresentações;
4. Avaliação e análise dos resultados para retirar as principais diretrizes para o anteprojeto, entre eles a construção do conceito de um centro cultural para o *Hip Hop*;
5. Desenvolvimento do anteprojeto da unidade autônoma para ensaio de dança e elemento compositivo de um centro cultural com: construção do conceito, elaboração dos desenhos técnicos, estudo de implantação em um terreno urbano aleatório, setorização dos ambientes/zonamento, fluxo de pessoas e escolha de materiais, mobília e equipamentos.

Estrutura do trabalho

O primeiro capítulo apresenta os grupos de danças de vertente *Hip Hop* de Maceió, suas origens, características, localização e perfil socioeconômico dos bairros. O segundo capítulo tece uma análise nos espaços culturais da cidade observando suas características como espaços adequados aos ensaios e treinos e aos espetáculos. O terceiro capítulo se destina à construção do conceito que embasa o projeto do *Studio móvel de dança*, discutindo a crise do modernismo, os movimentos contraculturais, as vanguardas, evidenciando a importância do fragmento, da mobilidade e da sustentabilidade como elementos-chaves, assim como a importância do tema para a economia criativa da cidade. O quarto e último capítulo elabora o Anteprojeto do *Studio móvel da dança* como unidade autônoma e compositiva para um futuro centro cultural do *Hip Hop*.

1 GRUPOS DE DANÇAS DE VERTENTE *HIP HOP* EM MACEIÓ

1.1 A origem da cultura *Hip Hop*

O movimento *Hip Hop* é uma manifestação contemporânea cultural e artística híbrida, um estilo de vida cheio de arte e atitude, que influencia muitas pessoas e está presente no mundo inteiro, conquistando espaços público, social e político, construindo coletivamente uma valorização de identidades, onde os seus sujeitos reivindicam o sentido de suas experiências, “num caso marginal, cheio de problemas sociais, educacionais e de exclusão social”. Todos esses elementos são expressados pela da arte, através da palavra, do corpo e da mente, reunindo música, discursos/poesia, dança e grafite, e “é o contexto social que dá sentido à performance”. (BORGES, s/d)

A cultura *Hip Hop* surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos, especialmente na cidade de Nova York, conforme Diogénes “tendo como cenário original de formação dos seus primeiros grupos o distrito do *Bronx*” (2008, p. 121). O *Hip Hop* significa saltar (*hip*) mexendo os quadris (*hop*) (DIOGÉNES, 2008, p. 121). Para fugir de problemas sociais e familiares, como a discriminação, preconceito, pobreza, violência e as drogas, jovens das comunidades negras e latino-americanas, integrantes de gangues ou não, buscavam a arte como forma de expressão e manifestação. A partir da música, da dança, da pintura e do canto, eles buscavam por novas perspectivas de vida. “A ideia básica desse movimento é a de constituir canais de atuação e de aglutinação entre os jovens através da cultura e da arte” (DIOGÉNES, 2008, p. 121).

Figuras 1 e 2 – DJ Afrika Bambaataa.



Fonte figura 1: <http://www.thatericalper.com/2014/12/28/afrika-bambaataa-on-the-music-industry-james-brown-and-zulu-nation>. Acesso em: 05 abr. 2017.

Fonte figura 2: <https://www.bocadaforte.com.br/materias/entrevistas/afrika-bambaataa-hip-hop-4-decadas-de-historia-e-resistencia>. Acesso em: 01 fev. 2020.

Na época, elementos muito significativos caracterizaram essa manifestação jovem e foi o *DJ Afrika Bambaataa* (Figuras 1 e 2), considerado o pioneiro do movimento, quem os percebeu e os definiu como os quatro elementos (principais) da cultura *Hip Hop*, sendo eles o *Breakdance*, o *DJ*, o *Rap* e o *Grafite*. Bambaataa propôs para os jovens integrantes de gangues que começassem a frequentar as festas de *hip hop* e a dançar *break*, para que competissem com passos de dança e não mais através de lutas e armas, para que dessa forma pudessem enxergar nessas novas manifestações artísticas uma maneira de canalizar a violência nos lugares em que vivenciavam.

O *Break*, conhecido em todo o mundo, “é uma dança de grande impacto visual, acrobática e estética”. (DIOGÉNES, 2008, p. 121-122)

Surgiu nos Estados Unidos na década de 60. Foi uma forma que os jovens norte-americanos encontraram para simbolizar a situação dos jovens soldados que se encontravam na guerra do Vietnã (os mutilados pela guerra). Logo depois, os passos e a coreografia do *break* espalharam-se por todos os bairros pobres e passaram a ter outra função política igualmente importante, que era de acabar com o derramamento de sangue entre as gangues de rua. (DIOGÉNES, 2008, p. 121-122)

Figura 3 – Dançarino Robert Maxwell dos Santos, na era do *SDKQ Crew*, em batalha contra o União Quilombrothes, no evento Abril Pró *Hip Hop*, realizado no SESC Poço.



Foto: Marcos Antônio Cavalcante, 01 mai. 2016.

Os *DJs* (*disc jockeys* em inglês e *disco-jóqueis* em português) eram artistas profissionais que criavam batidas rítmicas caracterizadas por pequenos trechos de música com destaque em repetições, esta técnica, posteriormente, começou a ser acompanhada pelo *Rap*, junto com as improvisações de danças (SIGNIFICADOS, 2017). A arte do *DJ* e a do *MC* (*mestre de cerimônia*, o artista que expressava o

Rap) inicialmente surgiram como dois elementos separados, porém acabaram se complementando (BORGES, s/d).

O *Rap* (*Rhitym and Poetry* em inglês e *Ritmo e Poesia* em português), é a poesia falada e carregada de enfoque político enquanto que o número reduzido de batidas por minuto (BPM) se desenvolve de fundo. Nasceu em bairros pobres da Jamaica, caracterizado pelo improviso de poemas expressados em cima de músicas negras. Em pouco tempo foi transmitido para as favelas dos Estados Unidos, desenvolvendo-se como outro modo de diversão para crianças e jovens pobres sem condições financeiras de pagarem ingressos de clubes sociais. (DIOGÉNES, 2008, p. 122)

Já o Grafite, “é um estilo de desenho de traços livres e efeitos visuais, caracterizado, principalmente, pela diversidade e cores utilizadas, pode ser feito em paredes, roupas ou telas”. Teve a função de delimitar o território de gangues juvenis rivais e abordar temas sociais e políticos, o último prevalecendo até hoje em trabalhos de grafiteiros de todo o mundo. (DIOGÉNES, 2008, p. 122)

A expressão cultural do *Hip Hop* foi tão intensa que acabou influenciando pessoas de todo o mundo e de diversas formas, especialmente nas lutas contra a discriminação racial. Os precursores mais importantes nos EUA foram os artistas James Brown e Michael Jackson, no Brasil foram os artistas Tony Tornado, Nelson Triunfo e Frank Ejara. E as danças urbanas se popularizaram tanto no mundo, que hoje existem diversos estilos somados com os mais antigos, como o *Funk Soul*, *Breaking*, *Locking*, *House*, *Popping*, *Krump*, *Hip Hop Dance*, *Waacking*, *Voguing*, *Stillete* e *Ragga Jam*.

O *Hip Hop* é uma cultura de rua, uma forma de arte e de atitude que conquistou o mundo. É um estilo de vida, de se afirmar como sujeito social, de demarcar um território, valorizar uma identidade cultural e ocupar espaços públicos. O movimento que faz arte como forma de protesto social, mistura o novo e antigo, o popular e o erudito, a poesia e a paródia, e inventou o *Rap*. (BORGES, s/d).

É importante destacar que o *Hip Hop* originalmente foi um movimento contracultural, depois que se transformou em cultura.

1.2 Características dos grupos de danças urbanas em Maceió – AL

Existem muitos grupos, de caráter social, representantes de danças urbanas na cidade de Maceió, ou seja, grupos que trabalham com danças vertentes da cultura *Hip Hop*, situados principalmente em bairros maioria de baixa renda como Petrópolis, Chã da Jaqueira, Bebedouro, Ponta Grossa, Village Campestre II, Eustáquio Gomes, Benedito Bentes (Tabela 1), mudando muitas vezes a realidade dos envolvidos e os norteando em perspectivas futuras. Alguns desses grupos e mais notáveis são: *SDKQ Crew*, *Nêgo Love MZS Crew*, *Cia Hip Hop de Alagoas* e a *Associação Alagoana de Hip Hop Guerreiros Quilombolas* (Figura 4). O *SDKQ Crew* acabou em 2018, mas foi um dos grupos mais importantes, com uma bela trajetória de 10 anos.

Tabela 1 – IDMH e Renda per capita por UDH de Maceió em 2010, referente aos bairros onde moram os integrantes dos grupos *Hip Hop*.

UDH	IDMH	Renda per capita (R\$)
Bebedouro	0,595	294,65
Benedito Bentes	0,721	525,10
Chã da Jaqueira	Não encontrado	Não encontrada
Eustáquio Gomes	0,724	671,71
Petrópolis	0,676	432,79
Ponta Grossa	0,756	706,03
Village Campestre II	Não encontrado	Não encontrada
Centro (comparativo)	0,858	1.545,35
Ponta verde (comparativo)	0,956	4.432,46

Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal

0 0,499 0,500 0,599 0,600 0,699 0,700 0,799 0,800 1

MUITO BAIXO BAIXO MÉDIO ALTO MUITO ALTO

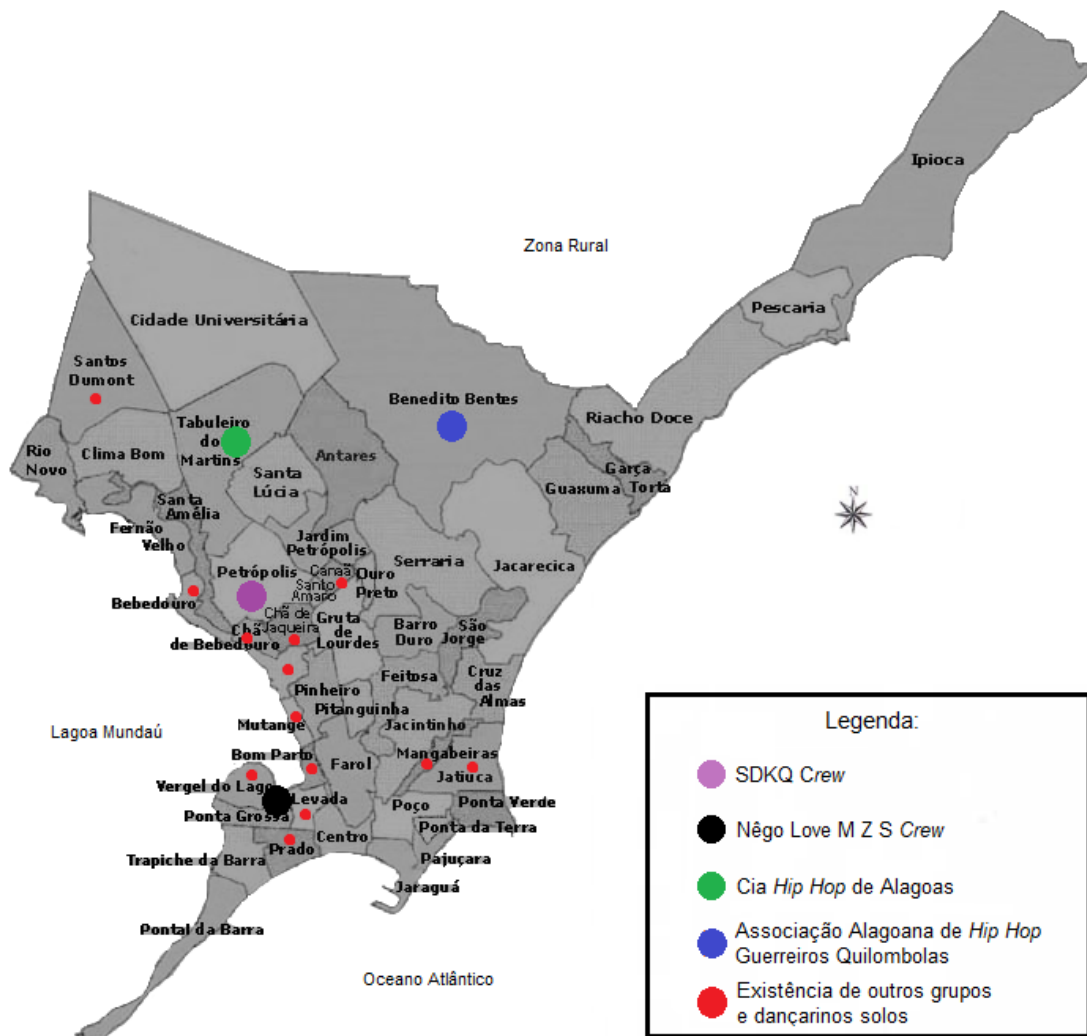
Fonte: <http://www.atlasbrasil.org.br>. Acesso em: 13 fev. 2020. (Adaptado)

É importante observar que bairros tradicionais da cidade situados na parte baixa da cidade, como Bebedouro (Tabela 1), bairro vizinho ao Centro, possuía em 2010 um dos IDMH mais baixos (0,595) comparado com os demais bairros listados na tabela, notadamente o do Centro (0,858) e o da Ponta Verde (0,956), enquanto que a renda per capita de seus moradores, no valor de 294,65 era praticamente cinco vezes menor que a renda per capita dos moradores do Centro (1.545,35) e quinze vezes menor que a dos moradores da Ponta Verde (4.432,46).

Dos bairros indicados como moradia dos integrantes dos grupos os IDHM mais destoantes são o de Bebedouro, com um IDHM baixo de 0,595, e o de Petrópolis, com um IDHM médio de 0,676, os outros bairros possuem IDHM alto, o que possui IDMH mais alto é o da Ponta Grossa que, como Bebedouro, é considerado um bairro tradicional da parte baixa da cidade cuja renda per capita é a mais elevada desse universo, representando 706,03, mas que corresponde à quase 50% da renda per capita dos moradores do bairro Centro e menos de 20% da renda per capita dos habitantes da Ponta Verde. Todos os demais bairros se situam na parte alta da cidade apresentando tanto um IDMH quanto uma renda per capita, inferiores àqueles apresentados pelo bairro da Ponta Grossa.

Com exceção dos bairros Bebedouro e Ponta Grossa, todos os bairros que abrigam os integrantes dos grupos de dança se situam na parte alta da cidade e se caracterizam por serem bairros residenciais, originários de loteamentos e formados em sua maioria por conjuntos habitacionais (Figura 4). De um modo geral todos os bairros onde residem os grupos de *Hip Hop* possuem uma renda per capita baixa onde dois bairros (Bebedouro e Petrópolis) apresentavam em 2010 uma renda per capita abaixo do salário mínimo, fixado à época em R\$ 510,00 (Portal G1.globo.com).

Figura 4 – Localização de grupos de danças urbanas nos bairros de Maceió.



Fonte: <https://onibusalagoaslinhas.blogspot.com/2016/10/o-simm-maceio-uma-breve-apresentacao.html>. Acesso em: 13 dez. 2019. (Adaptado)

1.2.1 O SDKQ Crew

O SDKQ Crew (*Street Dance Kings and Queens* em inglês e *Reis e Rainhas da Dança de Rua* em português), foi um grupo que realizou, durante 10 anos (2008-2018), um trabalho social, voluntário e artístico, desenvolvendo atividades gratuitas para jovens através das danças urbanas, com os estilos *Breakdance*, *Hip Hop Dance*, *Popping*, *Funk Soul*, *Waaking*, *Voguing*, *Ragga Jam* e *Stilleto* (Tabela 2), permitindo ainda outras adições culturais utilizando algumas técnicas de outras danças como Balé Clássico e Contemporâneo, Carimbó e Dança do Ventre. A história do grupo foi constituída a partir da experiência da autora como integrante e de depoimentos dos outros integrantes e do líder do grupo, Leonardo Emiliano da Silva, em conversas e entrevistas informais.

Tabela 2 – Danças que eram ensinadas no SDKQ Crew.

DANÇA	CARACTERÍSTICAS	Imagem ilustrativa
<i>Breakdance</i>	“Inventado pelos porto-riquenhos para expressar a insatisfação com a política e a guerra do Vietnam. Inspirado nas artes marciais e em acrobacias, executado com movimentos bruscos, dos quais se destacam os ondulatórios do corpo, a rotação do corpo apoiado apenas na cabeça ou nas costas, os movimentos das pernas tipo moinho de vento ou o arrastamento dos pés.” (DANÇA DE RUA, 2009)	 Fonte: Lovetoknow
<i>Hip Hop Dance</i>	Uma das danças mais amplas, permite a criação de movimentos variados, mais livres e soltos, mas também possui técnicas específicas envolvendo contrações musculares. Possui várias vertentes, como o <i>Popping</i> e o <i>Tutting</i> .	 Fonte: YouTube
<i>Popping</i>	“Se baseia na contração e no relaxamento rápido dos músculos do corpo ao ritmo da música, muitas vezes criando passos que, assim como o <i>robot</i> , remetem ao ilusionismo.” (REDBULL, 2019)	 Fonte: YouTube
<i>Funk Soul</i>	De 1960, inspirada no ritmo dançante do Funk, gênero musical sob fortes influências de James Brown. Dança leve e alegre, com passos simples e repetitivos que seguem as batidas da música.	 Fonte: Revista Raça
<i>Waaking</i>	“É uma dança com ênfase em movimentos complexos e altamente dinâmicos dos braços e mãos que se assemelham a implantação de Locking no pulso, mas mais exagerado e prolongado e ressaltam sensualidade e força ao mesmo tempo.” (DANÇA DE RUA, 2011)	 Fonte: YouTube
<i>Voguing</i>	“O nome "voguing" foi inspirado na revista de moda "Vogue", já que os dançarinos brincavam de imitar as poses das modelos mostradas na publicação e faziam movimentos corporais marcados por linhas e poses, como em uma sessão de fotos.” (REDBULL, 2017)	 Fonte: Pinterest e Vogue Globo
<i>Ragga Jam</i>	“Criada pela francesa Laure Courtellemont. Decidida a criar a dança de seus sonhos, usou a música que lhe agradava, o <i>raggamuffin</i> , inspirou-se na energia e nas coreografias das danças afro e utilizou uma didática que permitia a todas as pessoas se encontrarem e compartilharem o que sentiam.” (DANÇA DE RUA, 2011)	 Fonte: Atraídos Pela Batida
<i>Stiletto</i>	“A modalidade é um estilo de dança que tem como base o universo feminino, unindo três características indispensáveis: a sensualidade, a elegância e, claro, o salto alto – do tipo agulha, preferencialmente. Fenômeno nas redes sociais, sua inspiração é nos musicais da Broadway e em divas como Madonna e Beyoncé.” (ATIVO SAÚDE, 2018)	 Fonte: O Globo

Fonte: Variada. (Adaptado)

O grupo iniciou suas atividades no ano de 2008, na Escola Municipal Luiz Pedro da Silva - I, localizada no bairro Petrópolis, na cidade de Maceió (Figura 5), através de um projeto escolar que o líder/coordenador/professor/coreógrafo do grupo, Leonardo Emiliano da Silva, participava. No começo, o grupo era integrado por jovens que residiam nas localidades próximas a escola, mas com o passar do tempo, foi absorvendo jovens de outros bairros.

Figura 5 - SDKQ Crew depois de apresentação na Escola Municipal Luiz Pedro – I.



Fonte: Leonardo Emiliano, 2010.

Em 2012, após o seu ingresso no curso de Licenciatura em Dança, da UFAL, Leonardo Emiliano foi motivado a expandir a performance do *SDKQ Crew* com participações em apresentações em várias localidades, como escolas, instituições sociais e praças, como também mostras de danças no interior e na capital, o que acabou por tornar o grupo uma referência das danças urbanas no Estado de Alagoas. Também é importante salientar que, de 2016 a 2018, Leonardo foi professor de uma turma de danças urbanas no Sesi Cambona em Maceió.

Figuras 6 e 7 - Participação do SDKQ Crew no espetáculo do Sesi Cambona “O Mundo Encantado de Caralâmpia”, no Teatro Deodoro, em Maceió (2013).



Fonte: Joelson Sena, 2013.

Figura 8 - SDKQ Crew antes de apresentação na 8ª Mostra Miguelense de Dança, em São Miguel dos Campos.



Fonte: Leonardo Emiliano, 2014.

Figuras 9 e 10 - Participação do SDKQ Crew no espetáculo do Sesi “Era uma vez uma Menina que sonhava em ser Bailarina”, no Teatro Deodoro (2014).



Fonte: Joelson Sena, 2014.

Figuras 11 e 12 - Participação do SDKQ Crew no espetáculo do Sesi “Mais Uma Vez Primavera”, no Teatro Deodoro (2015).



Fonte: Joelson Sena, 2015.

O grupo era composto em 2018 por 15 jovens na faixa etária entre 14 e 27 anos, cuja maioria é de bairros como Petrópolis, Chã da Jaqueira e Bebedouro. Quanto à escolaridade a maioria dos integrantes eram estudantes; uma minoria não estudava nem trabalhava; três jovens eram universitários e dois destes ainda trabalhavam; dois jovens apenas trabalhavam. Sobre outras ocupações além das danças urbanas/outros talentos: quatro integrantes eram bailarinos clássicos; uma grande parte, principalmente os meninos, praticavam capoeira; alguns eram desenhistas; outros faziam artes manuais; outros cantavam *Rap* e outros aprendiam instrumentos musicais. Quanto ao estilo visual, a maioria se vestia de maneira bem característica em relação ao *Hip Hop* e de acordo com o que a sua renda permitia. O que se refere às questões sociais muitos tinham problemas familiares e inclusive viam no grupo uma maneira temporária de escapar deles; outros já tiveram envolvimento com drogas ilícitas. Em seus aspectos socioeconômicos, a maioria era advinda de famílias de baixa renda. No quesito espiritualidade a maioria era sem religião e em questões políticas demonstravam pouco interesse, sendo francamente apertidários.

Figura 13 - Dia de treino e ensaio do *SDKQ Crew* em sala cedida pelo Parque Municipal de Maceió.



Fonte: Jhonatan Yacuzza, 2016.

Figura 14 - Dia de treino e ensaio do *SDKQ Crew* na Escola Municipal Tradutor João Sampaio, com participação de ex-integrantes.



Fonte: Daniel Lanças, 2017.

Durante o período, os encontros para os treinos e ensaios aconteciam nos fins de semana, sábado e domingo, no espaço do pátio da Escola Municipal Tradutor João Sampaio (Figuras 14 e 15), que foi cedido através de uma parceria, e geralmente uma vez na semana, na sede do Centro de Referência de Assistência Social em Bebedouro, CRAS Bebedouro (Figura 16), que também disponibilizava lanche e, eventualmente, o transporte para o deslocamento até os locais de

apresentações do grupo em eventos na cidade e no interior do Estado. O grupo também recebia apoio do Parque Municipal de Maceió, localizado no bairro de Bebedouro (Figura 13), que cedia uma sala com som para os treinos e ensaios do grupo, que ocorriam geralmente nos fins de semana e uma ou duas vezes por mês. Porém, com a mudança do secretariado da instituição em 2016, esse apoio foi interrompido. Essa é uma situação real sujeita a acontecer com qualquer grupo que depende de apoios ou parcerias de instituições porque não possui um local fixo para treinos e ensaios.

Figura 15 - Frente da Escola Municipal Tradutor João Sampaio, com o pátio em destaque.

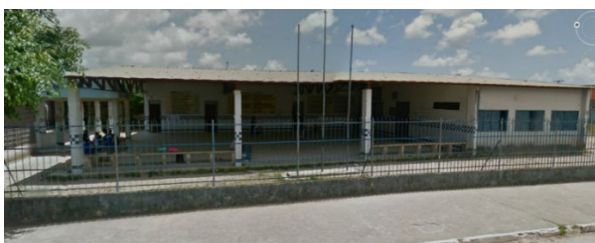


Figura 16 – Sede do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em Bebedouro



Fonte figuras 15 e 16: Google Earth, 2017.

Os dias ideais para os treinos eram de fato os do fim de semana, sendo inviável que fosse durante a semana, visto que a maioria dos integrantes eram estudantes. O único equipamento do grupo era uma caixa de som, doado para o líder para que ele pudesse utilizar nos treinos. As configurações das coreografias para as apresentações eram muito variadas, geralmente as formações tinham três, cinco ou oito integrantes, coreografias com duplas ou solos também eram criadas, porém raras de acontecer, tudo dependia da proposta coreográfica da apresentação.

A partir da metodologia ensinada, o grupo teve a oportunidade de aprender técnicas de danças urbanas nos estilos masculino e feminino, a teoria das danças que eram praticadas, coreografias autorais e adquirir comprometimento e responsabilidade. O convívio com o grupo trouxe para os integrantes uma visão e apreço muito maiores sobre socialização, união e acolhimento.

O *SDKQ Crew* encerrou suas atividades no ano de 2018, pouco tempo depois de Leonardo Emiliano optar por morar em São Paulo capital, em busca de crescimento e novas experiências como profissional de Dança. O grupo foi deixado nas mãos de novos líderes, mas os mesmos não conseguiram levar essa história adiante, como o criador o fez por 10 anos.

Hoje em São Paulo, Leonardo trabalha como professor de dança em duas escolas e ainda cursa mestrado na FMU (Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas), ao mesmo tempo que busca evolução participando de workshops e cursos de curta duração de danças urbanas. Ele também fez parte de um renomado grupo de dança, o *Ritmos Bases*, mas após um tempo, por conta de sobrecarga, escolheu sair para dar prioridade aos trabalhos e aos estudos. O *Hip Hop*, sua força de vontade e empenho pessoal o levaram longe, deixando em Maceió um campo fértil, semeado pela experiência e o seu exemplo.

1.2.2 Outros grupos notáveis

O grupo *Nêgo Love MZS Crew* (Figura 17), do bairro da Ponta Grossa cuja sede se localiza na Rua Paissandu, nº 312. É formado por cinco homens jovens e surgiu no ano de 2007 em um evento ocorrido na Praça Santa Tereza, com uma apresentação de danças urbanas. A partir daí o grupo entrou em atividade, apresentando-se com o *Break* em eventos e em semáforos, ministrando oficinas e participando de campeonatos. (CULTURA AL, s/d)

Figura 17 – Grupo *Nêgo Love MZS Crew*.



Fonte: MZS Crew (Página do Facebook), 2017.

A *Cia Hip Hop de Alagoas* (Figuras 18 e 19) é um grupo do bairro do Village Campestre II cuja sede se localiza na Trav. Otacílio de Holanda, 04. Fundado em 2002 pelos dois amigos Arnaldo Silva Barbosa e Sebastião Souza Freire que já faziam parte do *Hip Hop* na cidade. A formação atual de oito integrantes apresenta o *Hip Hop* (dança e música) em feiras e eventos, ministram oficinas, trabalham em

eventos de rua e participam da Associação do Coletivo *Cia Hip Hop* de Alagoas. (CULTURA AL, s/d)

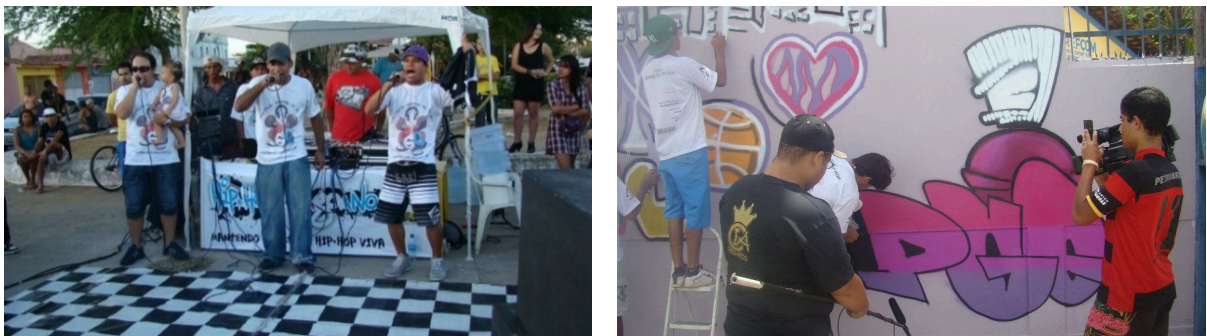
Figuras 18 e 19 – Evento da *Cia Hip Hop de Alagoas* no bairro da Cidade Universitária.



Fonte figuras 18 e 19: Coletivo *Cia Hip Hop* de Alagoas (Página do Facebook), 2019.

A *Associação Alagoana de Hip Hop Guerreiros Quilombolas* (Figuras 20 e 21), do bairro do Benedito Bentes, com sede na Av. Cachoeira do Meirim, 420 - Bloco 10, apto. 108 - Conj. Benedito Bentes, representada por Vanderson G. Ávila da Silva (Sulista), foi fundada em 10 de agosto de 2005. Atualmente, possui de vinte e cinco a quarenta membros ativos e desenvolve atividades e movimentos culturais com o "Bomba Periférica" e o "*Hip Hop em Ação e Expressão*" (*Rap*, *Grafite* e *Break*), oferecendo oficinas e apresentações de dança e música para crianças e jovens dos 03 aos 25 anos em periferias, grotas, comunidades, escolas etc. (CULTURA AL)

Figuras 20 e 21 – Evento e intervenção com Grafite, respectivamente, da Associação Alagoana de *Hip Hop Guerreiros Quilombolas*.



Fonte figuras 20 e 21: Posse *Guerreiros Quilombolas* (Página do Facebook), 2012.

Assim como o *SDKQ Crew*, os grupos citados anteriormente também possuem um caráter social, sendo agentes culturais que atuam em diversos bairros populares e comunidades de modo autônomo, despertando talentos e promovendo integração.

2 ANÁLISE POR BAIRRO DOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA CIDADE DE MACEIÓ UTILIZADOS PELO *HIP HOP*

A grande questão a ser discutida aqui neste capítulo é se o projeto a ser proposto requer um local próprio para a sua locação ou pode ser implantado como um anexo de um local já existente, que poderia ser uma escola pública, uma praça ou um teatro. Ainda vale salientar que a localidade ideal deve favorecer o maior número de beneficiados possíveis, pois este é um projeto que também visa quebrar as barreiras da segregação social.

Sendo assim, a pesquisa das possibilidades de locais para o projeto deve compreender questões que envolvam: facilitar a mobilidade dos beneficiados; ser um local seguro; ser implantado preferencialmente numa área central, atraindo olhares e despertando a curiosidade e o interesse. Assim como deve oferecer uma identidade visual correspondente ao *Hip Hop*, expressando notadamente a juventude em sua irreverência, trazendo cor, alegria e flexibilidade.

Na cidade de Maceió existe uma boa quantidade de equipamentos voltados para a cultura e alguns deles já abriram as portas para o *SDKQ Crew* no quesito apresentações. Mas, a maioria se mostra inadequado aos ensaios de dança ainda que seja satisfatório para as apresentações. Os bairros que concentram tais equipamentos são o Centro, Jaraguá e o Farol.

2.1 Equipamentos culturais no bairro Centro

O Teatro Deodoro (Figuras 22 e 23) localiza-se no bairro Centro e foi inaugurado no dia 15 de novembro do ano de 1910. É um casarão do período colonial que recebe uma variada programação, desde grandes peças de teatro a outros espetáculos locais. “Possui 650 assentos e é composto de uma sala de espetáculos em estilo neoclássico com palco italiano, o saguão é aproveitado para exposições culturais.” (DITEAL, s/d).

A experiência do *SDKQ Crew* no Teatro Deodoro se limitou apenas a uma apresentação. Tanto o palco quanto os camarins possuem uma ótima estrutura para apresentação. Os outros espaços do edifício não satisfazem como local ideal de treino, pois não possuem estrutura para isto. É ideal para apresentações de pequeno a médio porte.

Figura 22 – Fachada do Teatro Deodoro.



Figura 23 – Palco e assentos do Teatro Deodoro.



Fonte figura 22: <https://diarioarapiraca.com.br/noticia/agenda-cultural/teatro-deodoro:-105-anos-de-historia-arte-e-representacao-cultural-em-alagoas/32/8984>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Fonte figura 23: <http://www.diteal.al.gov.br/institucional/teatro-deodoro>. Acesso em: 30 jan. 2020.

O Teatro de Arena Sérgio Cardoso (Figuras 24 e 25), inaugurado em 1972, é uma ampliação do Teatro Deodoro e se localiza ao lado do mesmo. É uma sala mais privativa que pode receber até 180 pessoas, hoje em dia apresenta novos artistas ao cenário alagoano. (DITEAL, s/d)

O *SDKQ Crew* apresentou um espetáculo no Teatro de Arena. Pelo fato do palco ser pequeno o espetáculo precisou ser adaptado ao local. Os camarins são pequenos e para um grande número de pessoas o tempo de preparação pré-apresentação (figurinos, maquiagem e alongamento, caso necessário) acaba ficando muito curto. É um espaço ideal para apresentações de pequeno porte, inadequado para treinos, por também não possuir estrutura para este fim.

Figura 24 – Fachada do Teatro de Arena.



Figura 25 – Palco e assentos do Teatro de Arena.



Fonte figuras 24 e 25: <http://www.diteal.al.gov.br/institucional/teatro-de-arena>. Acesso em: 30 jan. 2020.

O Complexo Cultural Teatro Deodoro (Figura 26) é um anexo do Teatro Deodoro inaugurado em 2014, com arquitetura contemporânea e fachada principal de vidro, é um espaço que possui duas galerias de arte (térreo e 1º andar), sala de dança e sala de música e apresentações. Dentre as suas ações culturais estão eventos variados de música, dança e teatro, exposições e parcerias (VISITE ALAGOAS, s/d; DITEAL, s/d).

No Complexo Cultural Teatro Deodoro, o *SDKQ Crew* reapresentou um espetáculo adaptado ao espaço da sala de música e apresentações. Não existem camarins para esta sala e os banheiros que existem não estão próximos a ela, o que dificulta a montagem dos personagens. A sala de dança não foi utilizada pelo grupo, mas é um grande cômodo com espelhos e barras instalados, própria para os ensaios, entretanto ela se torna inacessível já que seu uso é condicionado às normas fixadas em edital muito concorrido por diferentes grupos, das mais variadas danças. Os outros espaços já possuem funções definidas e não comportam os ensaios de dança.

Figura 26 - Fachada do Complexo Cultural Teatro Deodoro.



Fonte: <https://www.alagoas24horas.com.br/1244185/projeto-ballet-na-vila-faz-selecao-de-novos-alunos-no-complexo-teatro-deodoro>. Acesso em: 30 jan. 2020.

O Espaço Cultural Universitário Professor A. de Barros Lima, fundado em 1981 e localizado no bairro Centro, em frente à Praça Sinimbu, é um equipamento cultural que conta com variadas instalações direcionadas às Casas de Cultura, Orquestra Sinfônica Universitária, Orquestra Pedagógica, Corufal, NUP – Núcleo de Percussão da Ufal e o Corpo Cênico. Anexada a este espaço cultural, está a Sala Preta da ETA (Escola técnica de Artes) da UFAL, uma pequena sala com palco, arquibancada e poucas cadeiras para apresentações de pequeno porte de dança, teatro e música. (UFAL, s/d)

O *SDKQ Crew* apresentou na Sala Preta da ETA apenas apresentações coreográficas, o espaço é de fato um lugar ideal para apresentações de pequeno porte. O Espaço Cultural Universitário também possui salas de danças com estruturas adequadas, mas são destinadas apenas para os alunos universitários ou para atividades desenvolvidas por eles.

2.2 Equipamentos culturais em Jaraguá

O Teatro Gustavo Leite (Figura 27), inaugurado em 2005, localiza-se no Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, no bairro Jaraguá, é um auditório nobre de alta capacidade e de arquitetura contemporânea, possui 1.251 poltronas e é utilizado para grandes eventos. (HOTEL PORTO DA PRAIA, s/d)

No Teatro Gustavo Leite, o *SDKQ Crew* fez apresentações coreográficas. Assim como no Teatro Deodoro, ele também possui uma ótima estrutura para apresentações, neste caso de maior porte, mas em suas dependências não há sala adequada para ensaios de dança.

Figura 27 - Palco e assentos do Teatro Gustavo Leite.



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303216-d6509251-i284479690-Centro_Cultural_De_Exposicoes_Ruth_Cardoso-Maceio_State_of_Alagoas.html. Acesso em: 30 jan. 2020.

2.3 Equipamentos culturais no Farol

O Espaço Cultural Linda Mascarenhas (Figuras 28 e 29) localiza-se no bairro Farol e foi inaugurado em outubro de 2001. É formado por uma sala de exposições e um teatro com capacidade para 100 pessoas. Sua programação é muito variada,

desde espetáculos, exposições, oficinas, cursos, palestras e atividades afins. (IZP, s/d)

O *SDKQ Crew* apresentou no Linda Mascarenhas o mesmo espetáculo exibido no Teatro de Arena. O palco é um pouco maior que o do Arena. Só existe um camarim, o que por si só já é um problema, pois assim mulheres e homens têm que utilizar o mesmo espaço pré-apresentação, facilitando o assédio. Também é um espaço ideal para apresentações pequenas, não possui nada destinado a ensaios.

Figura 28 – Fachada do Espaço Cultural Linda Mascarenhas.



Figura 29 – Palco e plateia em espetáculo no Espaço Cultural Linda Mascarenhas.



Fonte Figura 28: <https://maceio.7segundos.com.br/noticias/2016/10/21/75559/reabertura-do-espaco-linda-mascarenhas-acontece-nesta-sexta-feira.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Fonte figura 29: <https://esquinasqueandei.wordpress.com/2013/06/29/linda-mascarenhas-e-o-teatro-alagoano>. Acesso em: 30 de jan. 2020.

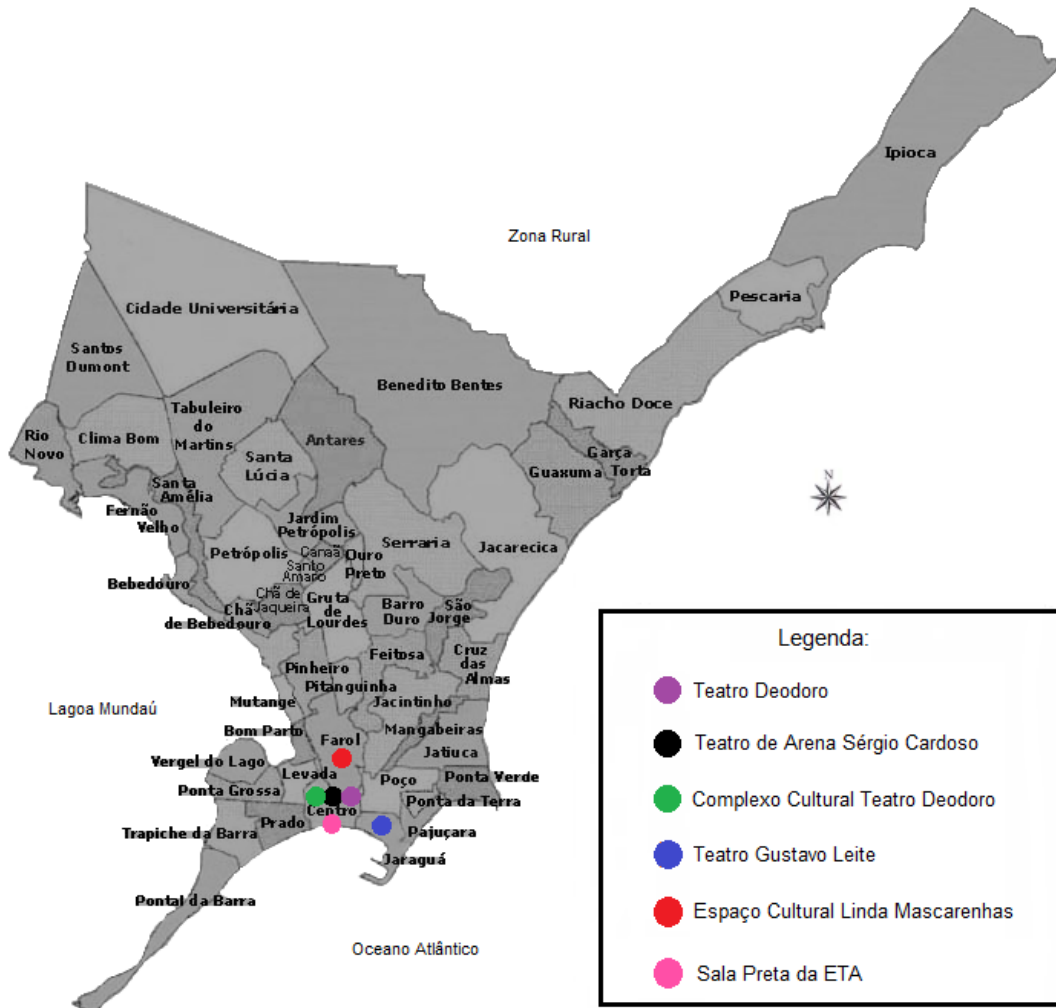
2.4 Mapeamento dos equipamentos culturais de Maceió

Fazendo uma análise geral dos principais equipamentos culturais da cidade onde os grupos de *Hip Hop* se apresentaram, observamos que eles se concentram na parte baixa da cidade (Figura 30), notadamente no Centro onde se encontra a maioria, enquanto um equipamento se localiza no Jaraguá e outro no Farol.

É válido considerar e dar destaque aos equipamentos que abriram as portas para o *Hip Hop* na cidade, mas como se pôde observar, seus espaços são tradicionais e adequados somente para apresentações (formato de teatro) com exceção do Complexo Cultural Teatro Deodoro que possui uma sala de dança, mas que se torna inacessível diante da burocracia tornando-a seletiva e elitista. Estes espaços não são adequados para treinos porque os palcos não são estruturas

apropriadas para este fim e os responsáveis por esses equipamentos não permitiriam este uso.

Figura 30 – Localização dos equipamentos culturais da cidade de Maceió que abrem as portas para o *Hip Hop*.



Fonte: <https://onibusalagoaslinhas.blogspot.com/2016/10/o-simm-maceio-uma-breve-apresentacao.html>. Acesso em: 13 dez. 2019. (Adaptado)

Em relação ao espaço físico pode-se dizer que, caracterizando as necessidades detectadas pela prática de grupos de danças urbanas (treino e apresentações), a estrutura ideal para treinos deve incluir uma sala com espelhos e dimensões suficientes para as manobras de dança, além de instalações como banheiros e vestiários. Em relação a localização para a instalação dessa estrutura, o ideal seria prever um local próximo a maior concentração dos grupos, mas que não ficasse isolado da área cultural mais poderosa da cidade que constitui o bairro Centro e seu entorno. (Figura 30). Mas os grupos assim localizados, não estariam

2.5 Comparativo: Experiência de Morgana Maria Cavalcante no Centro Cultural São Paulo

Enquanto os equipamentos da cidade analisados são tradicionais e adequados somente para apresentações, o Centro Cultural São Paulo, em São Paulo capital, é multidisciplinar, onde se manifestam atividades como dança, música, teatro, possui área de lazer e ainda difunde o movimento *Hip Hop*, através de “encontros, oficinas e batalhas de *beatbox*” (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 2018).

Foi inaugurado no dia 13 de maio de 1982 e tinha funções estabelecidas que incluíam por exemplo “planejar, promover, incentivar e documentar as criações culturais e artísticas” e “incentivar a participação da comunidade, com o objetivo de desenvolver a capacidade criativa de seus membros, permitindo a estes o acesso simultâneo a diferentes formas de cultura”. (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, s/d)

Além disso, o site do equipamento ainda informa que:

Diferente de outros lugares mais formais, aqui é permitido, por exemplo, sentar no chão, dançar, ensaiar, cantar, conversar, usar equipamentos e muitas outras atividades que não são comumente aceitas em espaços como museus, estações de metrô etc. O que todos nós precisamos garantir, como funcionários e frequentadores deste espaço, é o acolhimento de todos e o bom senso na realização dessas atividades, para que uma atividade não atrapalhe ou impeça as outras. (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, s/d)

Morgana Maria Cavalcante, diretora e prof.^a Dr da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, informou em relato pessoal que em julho de 2019 esteve no Centro Cultural São Paulo visitando a Bienal de Arquitetura. Ela diz que a sua experiência no local foi muito interessante porque em um sábado, dia em que realizou uma visita, observou vários grupos de *Hip Hop* ensaiando em corredores de parte da área de lazer e em outros vinculados as áreas externas, e ainda informou que não era apenas um grupo, eram de três a cinco aproximadamente e cada um deles com cinco até seis integrantes. “Achei bem interessante, eles levavam gravadores ou sons e ficavam lá repetindo as coreografias”. Segundo ela, o Centro Cultural São Paulo tem uma tradição grande em exposições, oficinas de dança, de música, de pintura e ainda tem bibliotecas, sendo um espaço bem interessante, bem fluido e bem convidativo para a realização de atividades envolvendo música, danças

e artes em geral. “Fiquei impactada que no sábado todas essas atividades são plenamente realizadas no espaço, fica muito acolhedor, é uma coisa linda, um espaço realmente contagiante.”

3 STUDIO MÓVEL DE DANÇA COMO UNIDADE AUTÔNOMA E COMPOSITIVA: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO

Para construir o conceito do projeto foi necessário tecer algumas reflexões sobre a sociedade pós-moderna, a modernidade, a crise do funcionalismo, os movimentos contraculturais e os caminhos traçados pelas vanguardas. Foi preciso refletir sobre a sustentabilidade, as possibilidades de formas e materiais alternativos que poderiam ser utilizadas para o projeto de um studio de dança, assim como a importância dos movimentos artísticos como força motriz da economia criativa. Estes aspectos da época contemporânea, o que abordam e como se relacionam serão trazidos neste capítulo.

3.1 Pós-modernismo

O pós-modernismo foi um processo de mudanças significativas nas tendências artísticas, filosóficas, sociológicas e científicas e teve o seu conceito adotado no início dos anos 60, no pós-guerra e em contrapartida ao movimento Modernista. “Veio acompanhado dos avanços tecnológicos da era digital, da expansão dos meios de comunicações, da indústria cultural, bem como do sistema capitalista (lei de mercado e consumo) e da globalização.” (TODA MATÉRIA, 2018)

No pós-moderno, “a ideia de que todos os grupos têm o direito de falar por si mesmos, com sua própria voz, e de ter essa voz como autêntica e legítima”, é algo essencial, assim como a “preocupação com o significante, com a participação, a *performance* e o *happening* (expressão das artes visuais), em vez do objeto de arte acabado e autoritário”. A maneira como é entendido o espaço é totalmente diferente da visão dos modernistas, para os pós-modernistas o espaço é visto “como coisa independente e autônoma a ser moldada segundo objetivos e princípios estéticos”. (HARVEY, 1992, p. 52, 56 e 70)

Os pós-modernistas também procuram criar, descobrir ou revelar maneiras de manifestar a beleza da diversidade:

É nos processos sociais que devemos concentrar nossa atenção. E quando os vemos com os pés no chão, em ambientes urbanos “saudáveis”, descobrimos um intrincado sistema de complexidade antes *organizada* do que desorganizada, uma vitalidade e uma energia de interação social que

depende crucialmente da diversidade, da complexidade e da capacidade de lidar com o inesperado de maneiras controladas, mas criativas. (HARVEY, 1992, p. 74-76).

A renovação urbana do centro da cidade de Baltimore e a praça Piazza d'Italia em Nova Orleans foram grandes exemplos de projetos pós-modernistas.

Figura 32 – Harborplace em Baltimore, EUA.



Figura 33 – Piazza D'Italia, New Orleans, EUA.



Fonte figura 32: <https://fineartamerica.com/featured/harborplace-in-baltimore-bill-cobb.html>.

Acesso em: 20 fev. 2020.

Fonte figura 33: <https://br.pinterest.com/pin/98938523050889435>. Acesso em: 20 fev. 2020.

O centro da cidade de Baltimore, nos EUA, se caracterizava por uma “renovação urbana altamente funcional e fortemente modernista de escritórios, praças e, por vezes, exemplares espetaculares de arquitetura”. O descontentamento cívico do final dos anos 60 e o assassinato de Martin Luther King, em 1968, ameaçavam a vitalidade desse centro e foi a partir daí que um grupo de políticos, profissionais e empresários se juntaram para desenvolver uma ideia que pudesse reunir a cidade, para assim “construir a ideia de comunidade, de uma cidade que pudesse confiar em si o bastante para superar as divisões e a mentalidade de cerco com que o cidadão comum encarava o centro da cidade e seus espaços públicos”. (HARVEY, 1992, p. 89-91)

Como forma de promover o redesenvolvimento urbano e combater o medo e o não-uso das áreas do centro surgiu a “Baltimore City Fair”, “feira que pretendia celebrar a vizinhança e a diversidade étnica da cidade”. A feira recebeu 340.000 visitantes no seu ano de inauguração, 1970, e aproximadamente dois milhões em 1973. Com o passar do tempo ela se tornou mais comercial e o principal ponto de atração para o centro da cidade, atraindo multidões, para assistirem os mais

diversos tipos de espetáculos. A renovação urbana, assim como as posteriores construções de Harborplace (empreendimento à beira mar) (Figura 32), do centro de ciências, do aquário, do centro de convenções, da marina, de hotéis e etc, continuaram contribuindo para todo o sucesso progressivo levado ao centro da cidade de Baltimore. (HARVEY, 1992, p. 89-91)

A Piazza d'Itália (Figura 33), do arquiteto Charles Moore, situada em Nova Orleans, EUA, é considerada uma das obras mais icônicas da arquitetura pós-moderna e foi um projeto de espaço público voltado a população italiana local em uma área da cidade que precisava de redensolvimento urbano. É uma praça onde o público pode se reunir como também para jogos e diversões. Significa a representação de como tais italianos se mudaram para o novo mundo, misturando arquitetura clássica com Pop Art, pós-modernismo e teatralidade, através das tendências da “mistura eclética de estilos, com a citação histórica, com a ornamentação e com a diversificação de superfícies”. (HARVEY, 1992, p. 92-94)

Em seu livro, Harvey ainda descreve os principais elementos simbólicos da praça e fala que a “sua forma e linguagem arquitetônica levaram as funções sociais e comunicativas de uma praça europeia italiana para o sul dos EUA” (1992, p. 93).

A grande praça circular que representa uma espécie de forma negativa, sendo por isso ainda mais surpreendente quando rompemos a barreira da arquitetura circundante. Há um pequeno templo na entrada anunciando a linguagem formal da praça, que é estruturada por colunas fragmentadas. No centro do arranjo está uma fonte, o “Mediterrâneo” banhando a bota da Itália, que vem desde os “Alpes”. (HARVEY, 1992, p. 93)

Ele também informa que “a localização da Sicília no centro da praça é um tributo ao fato de a população italiana da área ser majoritariamente de imigrantes dessa ilha”, ainda conta que “as arcadas, diante das fachadas convexas do prédio em torno da praça, fazem uma referência irônica às cinco ordens da coluna clássica (dorida, jônica, coríntia, toscana e composta)”, após serem dispostas “num contínuo sutilmente colorido” inspirado na Pop Art. (1992, p. 93)

As bases das colunas estriadas são formadas como peças de uma arquitrave fragmentada, mais uma forma negativa que um detalhe arquitetônico plenamente tridimensional. Sua elevação tem faces de mármore e a sua secção transversal é como uma fatia de bolo. As colunas são separadas dos seus capitéis coríntios por anéis de tubos de neon, que à noite lhes dá coloridos colares luminosos. (HARVEY, 1992, p. 93)

Para finalizar, Harvey descreve que “a arcada arqueada no topo da bota italiana também tem luzes de neon na fachada. Outros capitéis assumem uma forma angular precisa e estão sob a arquitrave como broches Art Deco”, ao mesmo tempo que “outras colunas apresentam outras variações, com estrias criadas por jatos de água”. (HARVEY, 1992, p. 93-94)

3.2 Crise do funcionalismo (anti-funcionalismo e anti-design)

Em 1960, estavam chegando ao fim o *boom* econômico pós-guerra, assim como o *boom* do Funcionalismo, e foi a partir daí que os primeiros sinais da crise do Funcionalismo surgiram. Movimentos como os estudantis dos EUA após a Guerra do Vietnã, “maio de 68” na França, “primavera de Praga” na Checoslováquia, as revoltas em Berlim e Frankfurt e as revoltas no Brasil e na América Latina, se fundamentavam nas teorias da Escola de Frankfurt, sendo uma das mais importantes a de Theodor Adorno, com uma crítica ao funcionalismo, iniciada em 1965 e referente a reconstrução da Europa. (BURDEK, 1994)

Os funcionalistas não entendiam que o modo de vida da população era complexo porque encontrava-se configurado sob modelos estéticos tradicionais, fato que ficou mais evidenciado após as mudanças ocorridas nos anos 60, quando começaram a ser questionados os valores da modernidade e os do design moderno. (BURDEK, 1994)

O conjunto das mudanças sociais, culturais e filosóficas, como a revolução feminina, a revolução racial 'Black Power', o movimento pacífico 'Flower Power', a corrida espacial, a Guerra Fria, o consumo massivo, a contracultura e a Escola de Frankfurt, influenciaram fortemente o design, a arquitetura e principalmente a arte. (BURDEK, 1994)

A Arte Pop e a Optical Art rejeitavam o racionalismo da abstração geométrica por uma arte que procurava a expansão da consciência e a saturação dos sentidos, recuperando as linhas curvas do Art Nouveau, o simbolismo e colocaram a atenção na diversidade e na fragmentação antes que na unidade, a saturação antes que a "limpeza", o ornamento floral antes que a pureza das formas, as tipografias irregulares antes que uma legibilidade clara do texto. Tudo aquilo que foi sustentado pelo funcionalismo foi desafiado em uma ola de psicodelismo que por sua vez se tornou em objeto de consumo massivo. (BURDEK, 1994)

A partir de todas essas mudanças o uso não se congelou mais na forma e nem no material. A forma poderia ser compreendida de modo independente da função, assim como a unidade, já não é buscada tendo em vista a compreensão do fragmento como partes de um caleidoscópio como representação do real.

3.3 Movimentos contraculturais: o Movimento *Hippie*

Sociologicamente, a contracultura refere-se a um movimento libertário de contestação, que teve o seu início nos Estados Unidos, na década de 60. Apesar do caráter pacífico, a rebeldia e a insatisfação desse movimento social, artístico, filosófico e cultural, romperam diversos padrões, ao ir radicalmente contra comportamentos culturais dominantes e valores disseminados pela indústria e pela mídia. Os jovens eram os grandes líderes do movimento. (TODA MATÉRIA, 2018)

Aulete (2020) diz que a liberdade é a “possibilidade de agir conforme a própria vontade, mas dentro dos limites da lei e das normas racionais socialmente aceitas; é a condição de um ser que se encontra livre para expressar os diversos aspectos de sua natureza ou de sua essência.” A única certeza é a dúvida ou o fato de que tudo é relativo (extinção do dogma).

O movimento *Hippie* foi um movimento espontâneo e uma contracultura, cujas influências são sentidas até os dias de hoje, surgido nos Estados Unidos nos anos 1960 e perdurou até 1970, quando jovens demonstraram oposição a forma de vida tradicional e conservadora da maioria das famílias da época. Repudiavam o Estado e o capital e tinham como objetivo principal atacar o sistema, apontado como o responsável pela miséria, violência, guerras e angústias daquela sociedade. Também optavam pela vida comunitária e o amor livre ao invés do individualismo. Foi impulsionado por artistas, como Os Beatles, e acabou se espalhando pelo mundo. Tinha como um dos lemas principais a frase “Faça amor, não faça guerra”. (STOODI, 2018)

É muito importante citar a *Kombi* (Figura 34), veículo da Volkswagen e ícone do movimento, que era utilizada como uma espécie de veículo albergue (BLOG AMPOLLA, s/d). Seu uso, seus desenhos coloridos e representativos a tornaram uma referência de multiuso ou multifuncionalidade, sendo moradia, escritório, transporte e suporte para arte.

Milhares delas eram vistas nas praças americanas, servindo de residências móveis para o pessoal itinerante daquela geração. Se tornou uma alternativa evidente ao carro de família. Era o veículo perfeito para que irmãos e irmãs unidos no espírito do movimento se deslocassem estrada afora. (BLOG AMPOLLA, s/d)

Figura 34 – Kombi.



Fonte: <http://gustavobrasil.com.br/carros-vendidos/kombi-hippie-1969>. Acesso em: 02 fev. 2020.

O Brasil também teve contato com os ideais *hippies*. Estudantes e artistas se associaram ao movimento tentando quebrar os comportamentos sociais e culturais dominantes. Em plena Ditadura Militar, os objetivos dos brasileiros eram semelhantes aos dos norte-americanos: “igualdade de direitos, liberdade de comportamento, fim do machismo e das arbitrariedades dos governos militares.” (STOODI, 2018)

Resumidamente, o Movimento *Hippie* “rejeitava os valores, hábitos e costumes da sociedade ocidental, pregava um novo modo de vida baseado no convívio em comunidade, no amor livre e na não violência, e usava geralmente roupas não convencionais e cabelos longos” (AULETE, 2020).

3.4 Grupo Archigram

O Archigram foi um grupo de arquitetos que se formou na Inglaterra em 1961.

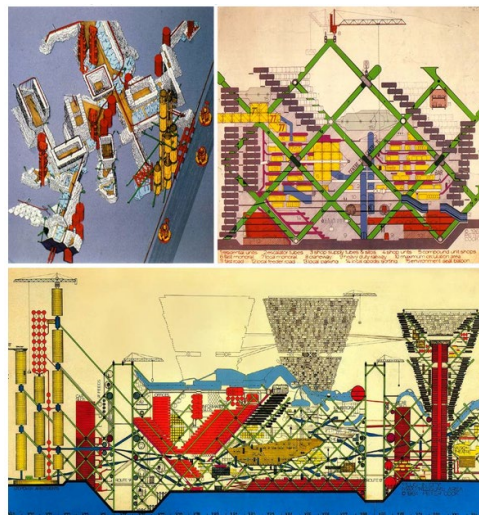
Suas criações causaram grande impacto e geraram muitas discussões na época. Seus projetos procuravam prever e moldar o ambiente futuro, com propostas super criativas nas quais o campo da realidade se encontrava com o imaginário da ficção científica. Um conjunto de ideias, imagens e objetos inspirados nas múltiplas possibilidades entreabertas pela ciência e pela alta tecnologia da era espacial.

As mudanças econômicas, sociais e culturais da época solicitavam novas alternativas de planejamento espacial fundamentadas em princípios como a

mobilidade, a flexibilidade, a instabilidade, a mutabilidade, a instantaneidade, a efemeridade, a obsolescência e a reciclagem. A maior parte das propostas do Archigram combinavam hiper-tecnologia com nomadismo. Algumas edificações eram leves, flexíveis, instantâneas e efêmeras, que poderiam ser montadas e desmontadas em vários lugares. (VITRUVIUS, 2004)

Enquanto as pessoas sempre pensavam no fixo, em arquiteturas fixas, o grupo discutia e exemplificava possibilidades arquitetônicas móveis e mutantes, como a da *Plug-in-City* (Cidade *Plug-in*) (Figura 35), com uma proposta “voltada para um tipo de unidade residencial autônoma, com máxima flexibilidade, praticidade e adaptabilidade. Com espaços que pudessem existir de forma independente das mega-estruturas e de outros sistemas de suporte permanente” (VITRUVIUS, 2004).

Figura 35 - *Plug-in-City*.



Fonte: <https://www.pinterest.cl/pin/296885800420955655>. Acesso em: 02 fev. 2020.

3.5 Sustentabilidade

“Sustentabilidade” vem da palavra “sustentável” e segundo Toda Matéria (2019) deriva do latim *sustentare*, que significa sustentar, apoiar, conservar e cuidar.

Aulete (2019) diz que Sustentabilidade é um:

Modelo de desenvolvimento que busca conciliar as necessidades econômicas, sociais e ambientais de modo a garantir seu atendimento por tempo indeterminado e a promover a inclusão social, o bem-estar econômico e a preservação dos recursos naturais.

De acordo com Toda Matéria (2019), “Sustentabilidade é a capacidade de sustentação ou conservação de um processo ou sistema e é alcançada através do Desenvolvimento Sustentável, que é definido como:

"Desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades", tendo como objetivo a preservação do planeta e atendimento das necessidades humanas. Isso quer dizer que um recurso natural explorado de modo sustentável durará para sempre e com condições de também ser explorado por gerações futuras. (TODA MATÉRIA, 2019)

A ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, que também exerceu o cargo de presidente em uma das comissões da Organização das Nações Unidas, foi quem usou pela primeira vez, em 1987, a expressão “desenvolvimento sustentável”. Em seu livro, *Our Common Future*, publicado em 1987, ela disse que "Desenvolvimento sustentável significa suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades". (FOGAÇA, 1987)

A sociedade em que vivemos é fundada no consumismo porque o homem ao longo de sua história acreditou ser o dominador da natureza e que ela estava ali unicamente para o seu bem-estar. A maneira de pensar dessa sociedade, que busca extrair o maior número de recursos terrestres, com exagero e desperdício, para acumular riquezas e satisfazer o consumismo humano, se opõe totalmente aos ideais do desenvolvimento sustentável, além de trazer (e ter trazido) ao planeta consequências muito sérias e comprometedoras, como poluição ambiental e desigualdade social. “O caminho seguido pela economia até o momento foi extrair, produzir, vender, utilizar e descartar, sem se preocupar com a natureza e com as futuras gerações, como se os recursos naturais não tivessem fim”. (FOGAÇA, 1987)

Apesar de tudo isso, “a relação como encaramos o desenvolvimento econômico e o meio ambiente evoluiu muito”, foi provado então, que nós seres humanos não temos o direito de consumir qualquer coisa que quisermos, da maneira que quisermos e nem a quantidade que quisermos sem considerar as consequências, as gerações futuras e a natureza (FOGAÇA, 1987). A consciência sobre essas questões já existe e se desenvolve cada vez mais, tudo agora é questão de prática.

Figura 36 – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.



Fonte: https://www.piscodeluz.org/desenvolvimento-sustentavel?gclid=EAIaIQobChMI2In-mIjs5gIVhwaRCh1c4gB3EAAYASAAEgKbafD_BwE. Acesso em: 05 jan. 2020.

3.6 Formas e materiais alternativos

Hoje em dia, existe uma gama enorme de materiais sustentáveis e outros com possibilidade de reaproveitamento ou reciclagem, sendo inegável que as suas utilizações e aplicações nas construções atuais são de suma importância nos âmbitos econômicos, sociais e ambientais, considerando todo o desgaste e danos que o modo de vida capitalista do homem causou e vem causando a vida e aos recursos naturais do planeta Terra.

Neste tópico, algumas das tecnologias disponíveis de materiais sustentáveis e soluções com materiais reutilizáveis ou recicláveis serão apresentados e discutidos como possibilidades a serem utilizadas no anteprojeto em questão, do *Studio móvel de dança*, como unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do *Hip Hop*.

3.6.1 Container

É uma caixa longa que pode ser de metal, mais comum, ou de madeira, que possui dimensões grandes e tem a função principal de acomodar e conservar mercadorias para serem deslocadas por trens, navios, aviões e outros meios de transportes. “Também é conhecido como cofre de carga, pois possui dispositivos de

segurança que são previstos por legislações nacionais e internacionais e possuem dimensões padrão em medidas inglesas (pés). ” (CONEXOS, 2019)

Segundo Conexos (2019), os containers como conhecemos hoje são muito diferentes dos primeiros a serem fabricados.

A história do container se inicia com Malcom Mc Lean (empresa), que obteve sucesso com transporte terrestre, e posteriormente teve a ideia de criar um material de armazenagem de carga que pudesse ser transportado por via marítima. Os Containers começaram a ser desenvolvidos por volta da década de 50. E após isso, passou por mudanças após a Guerra do Vietnã, no fim da década de 60. Tudo isso trouxe uma nova realidade para um trabalho intenso e custoso de transporte de mercadorias, que antes eram realizadas em boa parte com trabalho braçal, revolucionando o mercado. (CONEXOS, 2019)

Existem vários tipos de containers, de variados modelos e dimensões, para diferentes funções de carregamento, e mesmo com toda essa diversidade, é estabelecido um padrão em todo o mundo para facilitar o comércio e o acomodamento do que for transportado. Os tipos são: *Dry Box*, *High Cube*, Graneleiro *Dry* ou *Bulk*, *Reefer* (Refrigerado), Tanque, *Open Top*, *Open Side*, Ventilado e *Flat Rack* (MIRANDA CONTAINER, 2019). A maioria deles possui medidas em torno de 20 (cerca de 6 metros) ou 40 pés (cerca de 12 metros) de comprimento, 2,44 metros de largura e 2,59 metros de altura.

A funcionalidade inicial dos containers de fato foi a de carregamento, mas hoje em dia, eles também estão sendo utilizados para outras finalidades.

A tendência de usá-los como construção está ganhando muita força no mundo por serem uma alternativa econômica, sustentável, rápida e como são multifuncionais possibilitam que sejam customizados para diferentes atividades em diferentes nichos de mercado. Fabricados em aço com tratamento contra corrosão e por conta dessas características podem durar cerca de 100 anos. São descartados em 10 anos no transporte de mercadorias marítimo, por exemplo, e foi a partir daí que surgiu a ideia de reutilização. (MIRANDA CONTAINER, 2019)

Estão sendo adaptados para serem utilizados como casas, alojamentos temporários, lojas, *food truck's*, estoques, banheiros, almoxarifados, guaritas entre outras opções. De acordo com Miranda Container (2019), as suas principais vantagens estão em torno dos seguintes pontos: modular, robustez, disponibilidade, durabilidade, sustentabilidade, mobilidade, montagem rápida e preço acessível. Os

mais utilizados na construção civil são os containers *Dry Box* e *High Cube*. Os *Dry Box* (Figuras 37 e 39), ainda segundo Miranda Container (2019):

São fabricados com aço *corten*, liga 75% mais resistente que o convencional, sendo perfeito para resistir as mais variadas ações do clima, podendo ser mantido a céu aberto, sem comprometer a sua estrutura e sua carga. É todo fechado, possuindo apenas duas portas traseiras para carga e descarga. Na grande maioria das vezes as suas medidas são de 20 pés (6 metros) ou 40 pés (12 metros) com altura de 2,60 metros. Atende muito bem a demanda para projetos personalizados.

E os *High Cube* (Figuras 38 e 40):

É muito semelhante ao container *Dry*, o que muda basicamente é a sua altura, 30 centímetros mais alto que o anterior. Este container é muito utilizado em situações que envolvam refrigeração e habitação de pessoas, pois por ele ser mais alto, existe a vantagem para alocação da estrutura necessária para refrigerar, oferece mais espaço para projetos personalizados e é o mais indicado para desenvolver casas, escritórios ou outros projetos voltados para as pessoas. (MIRANDA CONTAINER, 2019)

Figuras 37 e 38 – Container *Dry* e Container *High Cube*.



Fonte: <https://mirandacontainer.com.br/tipos-de-containers>. Acesso em: 29 jan. 2020.

Figuras 39 e 40 – Medidas dos Containers *Dry* e *High Cube*.



Fonte: <https://www.portocontainer.com.br/containers/dry-20-pes>. Acesso em: 29 jan. 2020.

3.6.2 Trailer e ônibus

Trailer é um “vagão adaptado para *camping*, mas também usado como moradia, e que se reboca com automóvel”, e ônibus é um “veículo grande usado para o transporte de passageiros, com rota preestabelecida”. (AULETE, 2020)

Um trailer ou ônibus (reaproveitado) adaptado com instalações para a dança, poderia ser um meio de promover essa arte, assim como levar oficinas e apresentar o futuro centro cultural para a cultura *Hip Hop*.

Figura 41 – Casa trailer da Handcrafted Movement, de Washington, nos EUA.



Figura 42 – “De Markies” (O Toldo), construída em 1985 pelo designer holandês Eduard Bohlingk.



Fonte figura 33: <https://www.ideiasdiferentes.com.br/casa-trailer-com-um-design-grande-e-criativo>.

Acesso em: 29 jan. 2020. / Fonte figura 34: <https://geekness.com.br/que-tal-um-trailer-que-se-transforma-em-uma-casa>. Acesso em: 29 jan. 2020.

O principal meio de transporte público da cidade de Maceió é o ônibus. Muitas empresas estão adquirindo novos ônibus, como pré-requisito exigido pela Prefeitura para continuarem circulando na cidade, por conta disso muitos desses veículos mais antigos não estão sendo mais utilizados, sendo guardados nas garagens das empresas, em processo de sucateamento. Entretanto, a exigência da Prefeitura indica que sua mobilidade é questionável pelo sistema de combustão de motor a diesel extremamente poluente. Assim, a possibilidade desse transporte ser utilizado foi descartada por ferir a questão da sustentabilidade, restaria, portanto, a utilização da sua estrutura já com janelas e portas. Mas assim como o ônibus, o container também precisaria de combustão (reboque) para ser mudado de local. Comparando então, as suas estruturas, a preferência recai sobre o container devido às suas características de fabricação que garante um tempo maior de uso, além da facilidade de readaptação, por conta dele ser hermético, estático e retilíneo, enquanto o ônibus possui aberturas que facilita o gotejamento, não é estático e ainda é anguloso.

3.6.3 Outras possibilidades de materiais

Além das formas e materiais alternativos antes mencionados, existem outros materiais e técnicas que também podem ser aplicados no projeto, envolvendo vários aspectos da sustentabilidade, como reaproveitamento, reciclagem, compostagem, inovações tecnológicas sustentáveis, conforto ambiental, energia solar, alimentação saudável e entre outros. Materiais como pneus e garrafas PET reutilizáveis, canos, tijolos e madeiras de demolição e troncos de árvores comprometidas, e técnicas de banheiro orgânico à seco e para áreas verdes são as opções mais admissíveis e pensadas para a proposta do anteprojeto.

3.7 Por uma economia artisticamente criativa

Greffe (2015) aborda o potencial da economia artisticamente criativa no seu livro, nos âmbitos da arte, do mercado e da sociedade.

As atividades artísticas colocam à disposição do conjunto dos setores econômicos um patrimônio sempre maior em matéria de signos, formas, cores, símbolos etc.; as atividades artísticas definem os procedimentos ou os protocolos para a inovação utilizáveis por outras atividades; a dimensão estética gerada pelas atividades artísticas é especialmente pertinente para os mercados em que a competição pelos custos dá lugar a uma competição de qualidade. (GREFFE, pg 10, 2015)

As atividades artísticas e culturais foram usadas como um meio de países desenvolvidos se reestruturarem das crises urbanas nos anos de 1970, recriando empregos e valorizando territórios da era industrial. A capacidade que certas instalações culturais ou patrimoniais tinham de atrair turistas, melhorando assim o contexto de vida deteriorado por essas crises, estava sendo explorada. (GREFFE, 2015, p. 10)

Por volta de 1990, o conceito de criatividade se torna mais específico, após a reflexão sobre as indústrias criativas e da sua entrada definitiva na sociedade pós-industrial. A partir daí as atividades artísticas e culturais não existiam apenas para satisfazer demandas somente artísticas e culturais, mas também como meio de melhorar a qualidade de bens e serviços que não fossem puramente culturais, como saúde, habitação, lazer, moda e entre outros. “As artes e a cultura são, então,

consideradas como alavancas da criatividade econômica, social e ambiental”, com muitos efeitos inevitáveis e positivos, além de exercerem uma seletividade econômica e social. (GREFFE, 2015, p, 10 e 11)

Essa convocação contemporânea das artes e da cultura como fonte de criatividade é também um apelo em favor dos empreendimentos artísticos enquanto reforço da criatividade de cada um de nós, oferecendo uma visão menos mercantil e mais societária do fenômeno. Aclimatar-se aos empreendimentos artísticos, retraçar o itinerário da criação de uma obra de arte, é aclimatar-se, no mais profundo de cada um de nós, à identificação de novos desafios e à construção das respostas correspondentes. (GREFFE, 2015, p. 11)

Fica claro que as artes originam uma cultura de projetos através de atividades artísticas elaboradas seja por habitantes de uma cidade ou por integrantes de uma comunidade. Acima de qualquer outra coisa, a atividade artística primeiro é uma criação, um meio onde o artista descobre desafios e busca respondê-los, propondo e legitimando uma solução. Fazer com que as pessoas compreendam “como as criações intervêm com a valorização de uma “ideia” e dar-lhes um alcance simbólico e semiótico, é torná-las permeáveis a uma lógica de superação em relação aos problemas encontrados (lógica criativa)”. (GREFFE, 2015, p. 34)

Greffe ainda exprime as diferenças entre a arte e a cultura e em como as duas atuam e podem atuar juntas:

A arte tem a ver com o desejo, a cultura, com a necessidade; a arte reflete o transcendente, a cultura, o utilitário; a arte diz respeito à expressão, a cultura, à comunicação; a arte é propositiva, a cultura, afirmativa; a arte tem uma dimensão icônica enquanto a cultura tem uma dimensão simbólica etc. Entretanto, uma coisa se destaca com bastante clareza dessas muitas alternativas ou oposições: onde a arte cria e deve ser considerada enquanto tal, a cultura implica um processo de recepção, de socialização e de comunicação das mensagens emitidas por meio de produções estéticas. (GREFFE, 2015, p. 36)

A partir dos conceitos dos temas abordados anteriormente, muitas reflexões surgiram sobre as possibilidades a serem aplicadas na proposta do anteprojeto, como o uso da forma com novas funções, a arquitetura móvel e mutante, a sustentabilidade, o novo uso de equipamentos e estruturas industriais e seu reuso, a economia artisticamente criativa, que pode indicar meios para a proposta

desenvolver capital, e como o caráter social pode ser trazido para a proposta promovendo o social, o artístico, o filosófico, o cultural, a liberdade, a vida comunitária e a quebra de comportamentos sociais e culturais dominantes.

4 PROPOSTA

O conceito geral da proposta foi pensado de maneira a tornar o projeto um organismo vivo e livre, manifestando-se em algo único, justo e inovador. Foi influenciado e inspirado em movimentos e ideais envolvendo liberdade, mobilidade, anti-funcionalidade, sustentabilidade, autogestão, senso de coletividade e comunidade (cooperação e permutação) e em economia criativa. Possuindo como principais características a mobilidade, a flexibilidade e a autonomia.

O projeto é dividido em unidades autônomas que futuramente funcionarão em conjunto. Para a concepção desse conjunto, a proposta se divide em duas fases. Na primeira fase, a primeira unidade autônoma a ser concebida será o *Studio móvel de dança*, meio onde o projeto iniciará possibilitando os grupos de danças urbanas integrantes treinarem, realizarem oficinas, participarem de editais e buscarem apoio financeiro, recolhendo fundos para que os núcleos posteriores possam ser erguidos, com todas essas ações sendo concretizadas pelos bairros da cidade e também no interior do Estado. Na segunda fase, após o *Studio móvel de dança* obter recursos suficientes para que as outras unidades autônomas pudessem ser adquiridas, virão os planejamentos de como elas podem ser fixadas e organizadas no terreno em que irão se instalar temporariamente, seja curto ou longo prazo, formando assim o centro cultural. A partir disso, o conjunto começa a ter vida e a experimentar todos os aspectos que sua arquitetura móvel e mutante pode proporcionar, podendo crescer e adquirir novas estruturas a medida em que novas necessidades e ideias surgem.

O que são essas unidades autônomas? São containers e trailers readaptados de acordo com a função que cada umas dessas unidades irão desempenhar e com a finalidade de se desenlaçarem no *Studio móvel de dança* (Primeira fase) e no *Centro cultural do Hip Hop* (Segunda fase), sendo gerenciadas por meio de permutação em relação aos beneficiados diretos, onde se pode usar o espaço ao mesmo tempo que se faz algo para ajudar a mantê-lo.

O projeto pode ser viabilizado através dos incentivos financeiros de editais como o Rumos, do Itaú Cultural, e da Lei de Incentivo à Cultura, do Governo Federal, conhecida como lei Rouanet. Ambos cedem dinheiro para que projetos escolhidos possam sair do papel.

No fim das contas, a ideia é que esse centro cultural possa oferecer para Maceió, de forma voluntária ou gratuita dança, música, artes manuais e outras

manifestações artísticas, dispor espaços para aulas, ensaios e treinamentos e ter um ambiente de convivência coletiva, de forma a influenciar positivamente e trazer benefícios à população, tendo como foco principal incentivar e disseminar o *Hip Hop*, enquanto importante cultura transformadora de realidades e que cresce cada vez mais na cidade. Quando o espaço não for utilizado pelo protagonista, as oportunidades para outras artes serão abertas.

Com propósito de promover as danças urbanas, oferecer arte, valorizar, ser sustentável, inovar e desenvolver capital através da economia criativa, o projeto pretende unir todos esses elementos teóricos em um espaço que tem a intenção de aglomerá-los materialmente. O centro funcionará como um organismo saudável, com todas as suas partes e estruturas bem empenhadas para cumprir suas funções, fazendo com que o todo desempenhe o seu papel, o de manter-se vivo: sendo um corpo que vive, sobrevive e contempla a vida e o *Hip Hop*.

Centro cultural (arte, coletividade, realidade viva/participação coletiva dos beneficiados para manutenção e funcionamento do centro), Sustentabilidade na arquitetura e na gestão (apoiar, conservar e cuidar), *Hip Hop* em sua plenitude (música, *rap*, dança e grafite), artes variadas (uso máximo do espaço). O urbano e a natureza em harmonia, a vida humana, contexto social e valorização de identidades, movimento, exemplo, economia criativa, futuro. Todos esses elementos contemplando e valorizando a arte, as diferenças e a natureza em um único empreendimento cultural próspero. Um símbolo de inovação e liberdade. Da liberdade que a arte traz ao ser.

4.1 Programa básico de necessidades da unidade autônoma e do conjunto

Unidade autônoma ou conjunto	Ambientes	Forma ou materiais básicos e dimensões	Observações
Studio móvel de dança	Sala de dança com espelhos pivotantes	Um container <i>High-Cub</i>	-
	Copa		
	WC acessível e BWC e com sanitários à seco		
	Pista de dança para a área externa com cobertura	Pista de piso flutuante 6x6m e cobertura de lona e alumínio 7x9,43m	-
Agenciamento	Paletes de madeira de 1x1.20m e duas rampas de compensado	As rampas são acessíveis: i=8.33%	
Centro cultural do Hip Hop	Salas de dança com espelhos e barras	Três containers <i>High-Cub</i>	Criar um único conjunto a partir de três containers.
	Copa		
	Depósito geral do centro		
	Dormitórios (feminino e LGTB e masculino)	Um container <i>High-Cub</i>	-
	BWC's acessíveis com sanitários à seco e vestiários (feminino e LGTB e masculino)	Um container <i>High-Cub</i>	-
	Sala para oficina de artes manuais	Um container <i>Dry Bo</i>	-
	<i>Food Truck</i> vegano, vegetariano e onívoro	Um Trailer do tipo <i>Food Truck</i>	Cobrar uma taxa de aluguel de espaço que será utilizada para manutenção do centro.
Outras instalações a serem dispostas no terreno	Pátio	-	Para socialização
	Palco com cobertura móvel	Palco desmontável e com piso flutuante	Para apresentações externas
	Áreas verdes: pomar; horta comunitária e jardim articulados	-	Utilizar pneus, garrafas PET e canos, tijolos e madeiras reaproveitáveis e de demolição. Considerar a compostagem
	Bicicletário	De capacidade aproximada para 15 bicicletas	-
<p>Geral: Conforto ambiental (acústico, térmico e lumínico) para todas as unidades autônomas. Geral: Materiais para criar um ambiente aconchegante e emocionante/Arquitetura cenográfica e com o visual do <i>Hip Hop</i>, para as unidades autônomas</p>			
<p>Dimensões do container <i>High-Cub</i>: 2,44m de largura, 12,19m de comprimento e 2,90m de altura Dimensões do container <i>Dry Box</i>: 2,44m de largura, 6,06m de comprimento e 2,59m de altura</p>			

4.2 Esboços

Após a construção do conceito, esboços iniciais do *Studio móvel de dança* (Figura 43 e 44) e do *Centro cultural do Hip Hop* (Figura 45) foram elaborados para se ter uma noção de como essas estruturas poderiam se configurar. Mas depois, no caso do *Studio móvel de dança*, uma nova setorização de ambientes foi pensada, a qual será mostrada no desenvolver do anteprojeto.

Figura 43 – Esboço do Studio móvel de dança *Hip Hop*.

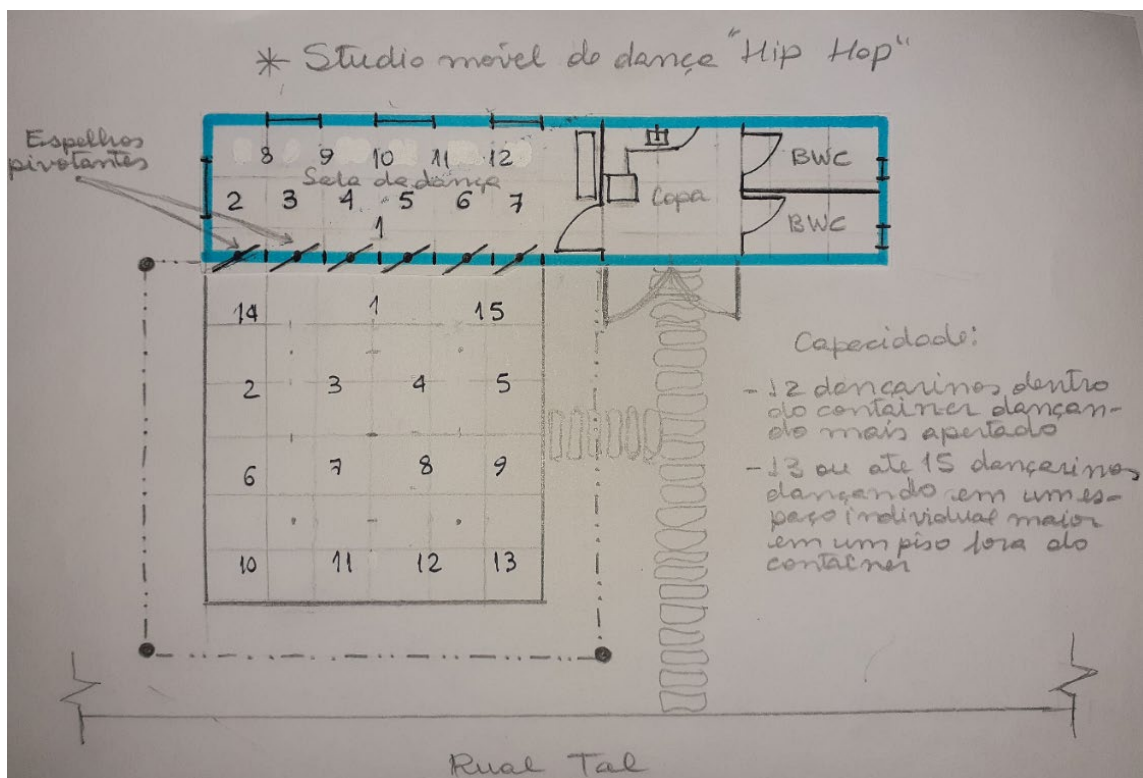


Foto: Acervo pessoal, 2020.

Figura 44 – Esboço de outra configuração dos espaços para o Studio móvel de dança *Hip Hop*.

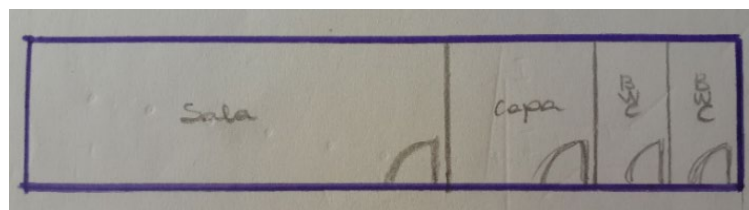
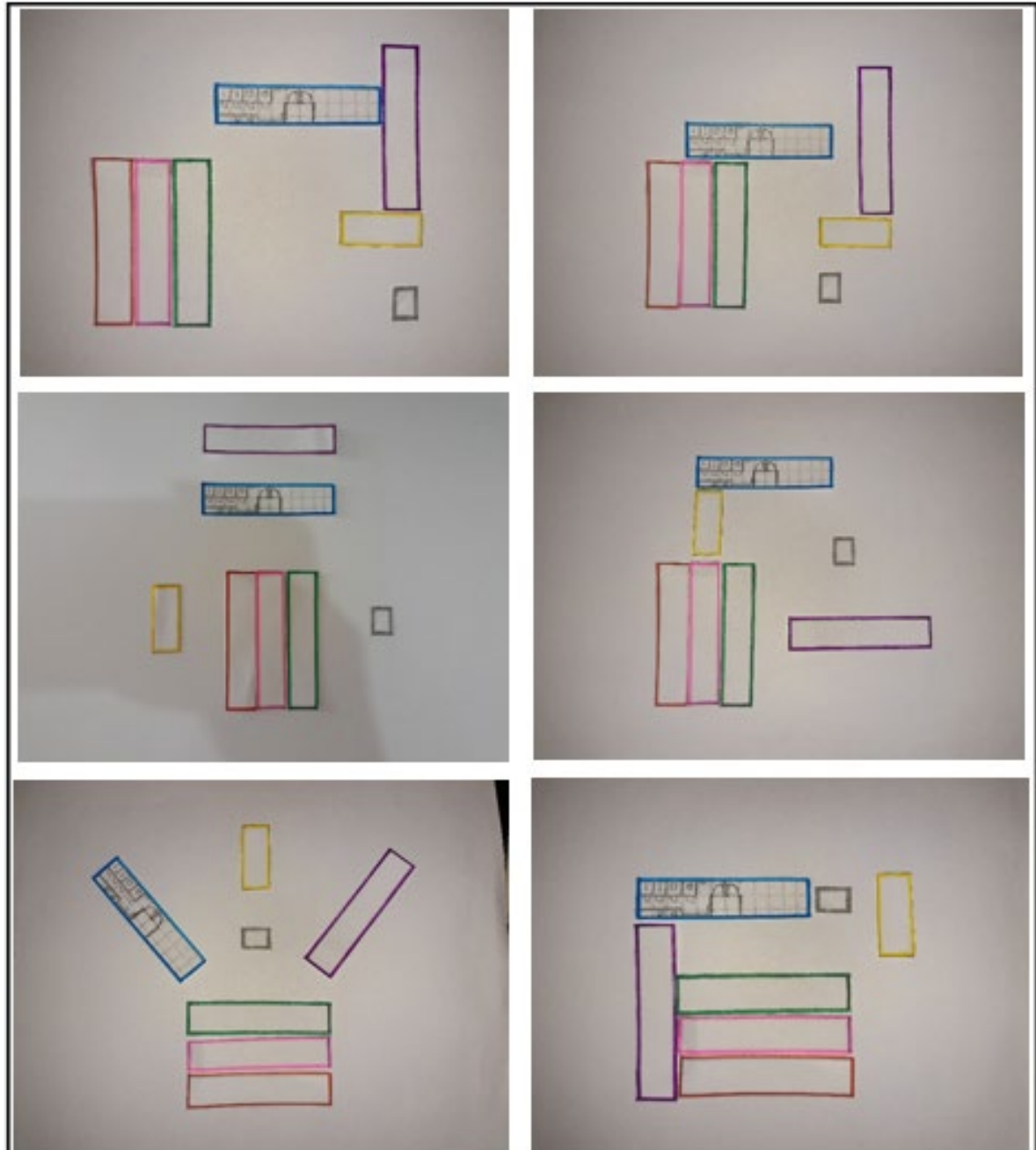


Foto: Acervo pessoal, 2020.

Através de um jogo de quebra cabeças com as medidas dos containers, foi possível criar várias alternativas de configurações de plantas para o *Centro cultural*

do *Hip Hop*, reafirmando a sua característica de arquitetura móvel e mutante, como se pode observar após a seguir (Figura 45).

Figura 45 – Possíveis configurações no terreno para o Centro cultural mutável de incentivo à cultura *Hip Hop*.



Laranja, rosa e verde representam o conjunto do centro cultural:
Salas de dança com espelhos e barras, copa e depósito geral do centro;
Roxo: Dormitórios;
Azul: Banheiros e vestiários (feminino e LGTB e masculino);
Amarelo: Sala para oficina de artes manuais;
Cinza: *Food Truck* (Trailer).

Foto: Acervo pessoal, 2020.

4.3 Anteprojeto do *Studio móvel de dança*: unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do *Hip Hop*

A proposta deste trabalho apresenta o anteprojeto do *Studio móvel de dança*, como unidade autônoma e compositiva para um centro cultural do *Hip Hop* para a cidade de Maceió, Alagoas.

Tem como público alvo dançarinos e grupos de danças urbanas que queiram participar do projeto que o *Studio* propõe, buscando o perfeccionismo e o profissionalismo na dança, assim como para outras pessoas interessadas em aprender sobre as danças urbanas e a cultura *Hip Hop*, através das oficinas que o projeto pretende realizar.

O Conceito do Studio móvel de dança

O *Studio*, que é móvel, ocupa uma área total de 97.63m² para apenas um pavimento, o térreo. Conta com uma estrutura básica formada por uma Sala de dança com espelhos pivotantes, Copa, Banheiros com sanitários à seco (sem gênero), Pista de dança para a área externa com cobertura e Agenciamento.

Como já foi dito anteriormente, o projeto geral se iniciará com a concepção do *Studio móvel de dança* que possibilitará grupos de danças urbanas treinarem, realizarem oficinas, participarem de editais e buscarem apoio financeiro, recolhendo fundos para que posteriormente o *Centro cultural do Hip Hop* possa ser erguido. Dessa maneira, o anteprojeto do *Studio* foi pensado com estruturas básicas apenas para este fim.

A Sala de dança com espelhos pivotantes possui uma área de 15,75m², a Copa 4.91m², WC acessível com 3.38m² e BWC 2.48m², a Pista de dança para a área externa possui 36m², a cobertura cobre uma área de 61,41m² e o agenciamento que fica por conta de paletes e de rampas de acessibilidade ocupa 17,18 m².

O projeto possui uma estética que fica por conta do metal que é constituído a sua forma principal, o container, que pode ser grafitado em cada local que passa, conferindo a ele uma identidade visual voltada para o *Hip Hop*. Cores como preto, verde, laranja, cinza e branco também dão vida a toda a estrutura.

Containers são constituídos de chapa de metal e têm estrutura hermética e são pintadas com tinta antiferrugem, mas por serem de metal facilitam a propagação de calor para dentro da estrutura, desta maneira, para poderem ser utilizados na arquitetura, a aplicação de revestimentos térmicos é necessária para proteger os ambientes internos contra o calor e também contra ruídos externos.

No caso da dança, espelhos são equipamentos muito importantes, pois possibilitam aos dançarinos o aperfeiçoamento das técnicas e torna mais rápido os processos de consciência corporal e aprendizagem. Assim, a estrutura de Espelhos pivotantes foi criada e pensada para possibilitar que os dois espaços do *Studio* destinados à dança pudessem se beneficiar deles.

A *Kinesfera* é uma esfera imaginária que delimita os espaços alcançáveis pelos movimentos naturais de um corpo, neste caso, o espaço pessoal da dança. Porém, não foi achado nenhuma informação de quais medidas médias ela teria, sendo aqui considerado um dado importante no dimensionamento das salas de dança, mesmo assim foram propostas, baseada em experiências próprias com as danças urbanas, medidas para determinar a quantidade de pessoas que podem utilizar as salas. Para a Sala de dança foi determinado um máximo de 8 pessoas num espaço pessoal de dança de 1,13x1.5m e para a Pista de dança externa 15 pessoas, considerando um espaço pessoal de dança de 1,5x1.5m.

Como a estrutura do *Studio* é móvel, possibilitando que ela possa ser transferida para os bairros da cidade e também para o interior do Estado, prevê que o seu transporte seja realizado por meio de reboque.

O Anteprojeto do *Studio móvel de dança*

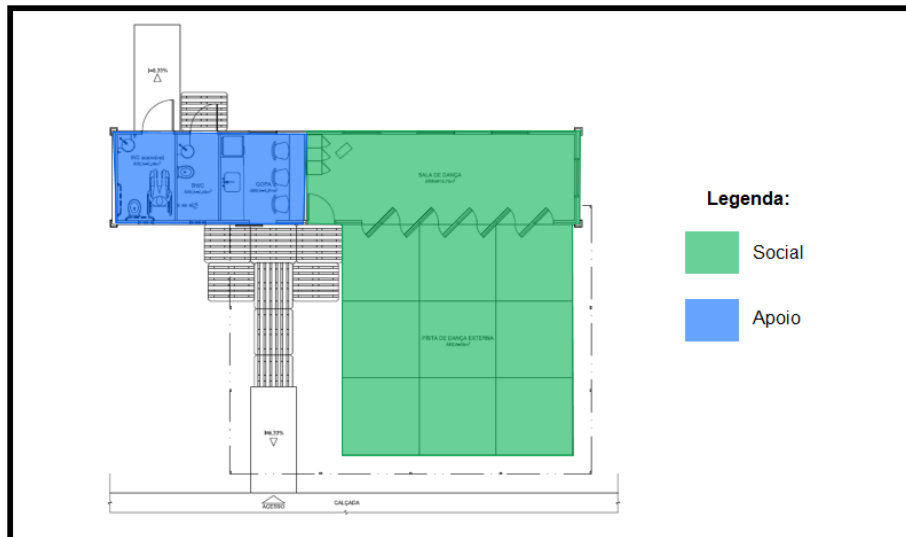
Na concepção do Anteprojeto do *Studio móvel de dança* foram realizadas um Estudo de implatação em um terreno urbano aleatório, uma nova Setorização dos ambientes/zoneamento e um Estudo do fluxo de pessoas, como podemos ver a na página seguinte.

Para o terreno urbano aleatório foram consideradas as medidas de 15x30m das quais são formadas os lotes padrões atuais da cidade de Maceió – AL. Aplicando essas medidas e levando em consideração que o container do anteprojeto em questão possui 12,19m de comprimento, ainda sobra no lote um espaço para entrada de garagem de quase 3m.

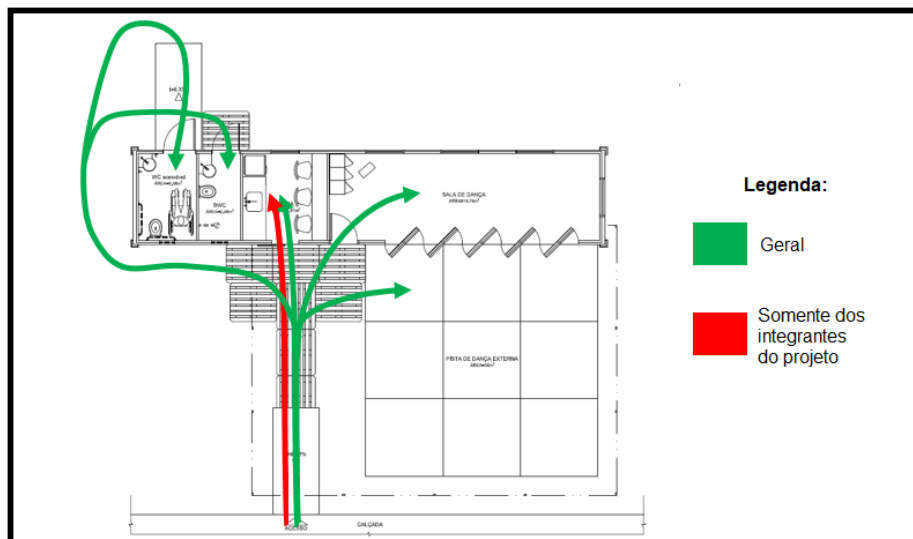
Estudo de implantação em um terreno urbano aleatório:



Setorização dos ambientes/zoneamento:



Estudo do fluxo de pessoas:



O resultado técnico do anteprojeto encontra-se nas pranchas em apêndice no trabalho, contendo os materiais, equipamentos e mobília, os desenhos técnicos e as perspectivas:

APÊNDICE 1 – Materiais, mobília e equipamentos (pg 69);

APÊNDICE 2 – Planta de cobertura (pg 70);

APÊNDICE 3 – Planta baixa (pg 71);

APÊNDICE 4 – Cortes (pg 72);

APÊNDICE 5 – Piso, teto e parede (pg 73);

APÊNDICE 6 – Fachadas norte e sul (pg 74);

APÊNDICE 7 – Fachadas leste e oeste (pg 75);

APÊNDICE 8 – Perspectivas e logo (pg 76).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter feito parte do grupo de danças urbanas *SDKQ Crew* foi muito benéfico a minha vida em diversos aspectos, além de ter sido a realização de um sonho me oportunizando experiências e aprendizados, também me fez enxergar como um projeto voltado para a comunidade pode oferecer novas perspectivas aos envolvidos e ainda me fez entender a importância da cultura *Hip Hop* na cidade e em como ela pode agir como uma fórmula transformada, por ser chocante, cheia de estilo, chamativa, atraente para os jovens e um meio de expressão, através das suas manifestações artísticas como a dança, a música, o *Rap* e o Grafite.

Entrei no grupo em 2015 e saí em 2017 e pouco tempo depois ele encerrou as suas atividades, mas ainda assim quis contribuir através da minha formação com a valorização da cultura *Hip Hop* em Maceió.

A partir daí surgiu a ideia de um *Studio móvel de dança*, como unidade autônoma e compositiva para um futuro centro cultural do *Hip Hop*, com a intenção de dar voz aos seus sujeitos, incrementar a economia criativa da cidade e promover as danças urbanas, umas das vertentes do *Hip Hop* que mais cresce na cidade, com muitos grupos que não possuem apoio financeiro e nem locais fixos para aulas, treinos e ensaios, mas que se destacam no cenário local e almejam o profissional. A proposta pretende favorecer com a mudança dessa realidade.

Dos estudos teóricos até a concepção do anteprojeto, o trabalho propiciou grandes aprendizados no percorrer das suas etapas como: estudo sobre a cultura *Hip Hop* e sobre grupos de danças urbanas de Maceió; análise de espaços culturais nos quesitos treinos e apresentações; discussão de assuntos para embasar o conceito como crise do modernismo, movimentos contraculturais, vanguardas, sustentabilidade e economia criativa. E por fim a elaboração da metodologia de projeto apresentando o Anteprojeto do *Studio móvel da dança*: unidade autônoma e compositiva para um futuro centro cultural do *Hip Hop*.

Iniciei o curso de Arquitetura e Urbanismo na UFAL em 2012, mas no decorrer dele me deparei com algumas dificuldades que comprometeram o meu desempenho e acabaram por adiar a minha formação e por consequência a elaboração do TFG. Por conta de desgostos e falta de preparo para lidar com situações universitárias, desenvolvi hipertensão arterial, ansiedade generalizada, tive

um quadro depressivo progressivo que durou de 2012 a 2019 e ainda tive bloqueios emocionais que afetaram a minha produção acadêmica. Este TFG foi iniciado em 2017 e por conta dessas questões pessoais dei uma pausa longa na confecção dele, só o retomando no final de 2019 e finalizando agora em fevereiro de 2020.

O PI foi apresentado no dia 12 de fevereiro e o PF dia 28 do mesmo mês, para já ser apresentado no dia 2 de março: a solução é cumprir os prazos curtos.

Tendo ciência desses prazos a cumprir para finalizar o TFG e da minha situação no curso em processo de desligamento, procurei dar o meu melhor para elaborar este trabalho, mas percebo e afirmo que ele poderia ter mais qualidade teórica, projetual e estética se eu tivesse mais tempo, assim por exemplo, a proposta do centro cultural do *Hip Hop* poderia ser desenvolvida até a etapa de anteprojeto.

Apesar de todos esses desenlaces, a confecção desse trabalho foi intensamente proveitosa, pois aprendi muito sobre os assuntos teóricos discutidos, ficou ainda mais clara a importância da sustentabilidade nos dias atuais, me encantei e apaixonei pela reutilização de containers em novos usos e ainda me senti impulsionada a concluir o trabalho no processo de sua elaboração, por ter tido apoio e incentivo de muitas pessoas.

Não é um TFG perfeito e está longe disso, pois poderia evoluir em diversos aspectos, mas deixo aqui, com ele, a minha contribuição para a faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e para a cultura *Hip Hop* em Maceió, especialmente para as danças urbanas.

REFERÊNCIAS

ATIVO SAÚDE. **Stiletto: veja os benefícios da aula de dança com salto alto.** 2018. Disponível em: <https://www.ativosaude.com/fitness/stiletto-danca>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ATLAS BRASIL. **Consulta: IDMH e Renda per capita por UDH de Maceió em 2010.** Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/consulta>. Acesso em: 13 fev. 2020.

AULETE. **Hippie.** Disponível em: <http://www.aulete.com.br/hippie>. Acesso em: 29 jan. 2020.

AULETE. **Liberdade.** Disponível em: <http://www.aulete.com.br/liberdade>. Acesso em: 29 jan. 2020.

AULETE. **Ônibus.** Disponível em: <http://www.aulete.com.br/%C3%B4nibus>. Acesso em: 29 jan. 2020.

AULETE. **Sustentabilidade.** Disponível em: <http://www.aulete.com.br/sustentabilidade>. Acesso em: 18 dez. 2019.

AULETE. **Trailer.** Disponível em: <http://www.aulete.com.br/trailer>. Acesso em: 29 jan. 2020.

BLOG AMPOLLA. **Kombi e o Movimento Hippie.** Disponível em: <http://www.ampolla.com.br/blog/index.php/novidades-blog-2/ampolla/429-kombi-e-o-movimento-hippie>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BORGES, Adriana. **Hip Hop é cultura, arte e atitude.** *Obvious.* Disponível em: http://obviousmag.org/my_cup_of_tea/2015/04/hip-hop-e-cultura-arte-e-atitude.html. Acesso em: 05 abr. 2017 e 18 dez. 2019.

BURDEK, Bernhard E. **Diseño: Historia, teoría y práctica del diseño industrial.** Barcelona: Gustavo Gili, 1994. *Estágio de artista.* Disponível em: http://www.estagiodeartista.pro.br/artedu/histodesign/6_novodesign.htm. Acesso em: 29 jan. 2020.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **1. História; 2. Usos dos espaços – recomendações e determinações; 3. A cultura hip hop: prática de beatbox no CCSP.** Disponível em: <http://centrocultural.sp.gov.br/site>. Acesso em: 28 fev. 2020.

COMO PROJETAR. “**Como elaborar um programa de necessidades**”. Disponível em: <http://comoprojetar.com.br/como-elaborar-um-programa-de-necessidades-2>. Acesso em: 7 jan. 2020.

CONEXOS. “**Quais são os tipos de containers?**”. Disponível em: <https://blog.conexos.com.br/quais-sao-os-tipos-de-containers>. Acesso em: 28 jan. 2020.

CULTURA AL. **Associação Alagoana de Hip Hop Guerreiros Quilombolas.** Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/cultura-urbana/...-hip-hop-e-rap-../associacao-alagoana-de-hip-hop-guerreiros-quilombolas>. Acesso em: 9, 10 e 13 dez. 2019.

CULTURA AL. **Cia Hip Hop de Alagoas.** Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/cultura-urbana/...-hip-hop-e-rap-../cia-hip-hop-de-alagoas>. Acesso em: 9, 10 e 13 dez. 2019.

CULTURA AL. **Nêgo Love M Z S Crew.** Disponível em: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/cultura-urbana/...-hip-hop-e-rap-../nego-love-m-z-s-crew>. Acesso em: 9, 10 e 13 dez. 2019.

DANÇA DE RUA. **História do Break Dance.** 2009. Disponível em: <https://www.dancaderua.com/extras/historia-do-break-dance>. Acesso em: 13 fev. 2020.

DANÇA DE RUA. **Sobre Ragga Jam.** 2011. Disponível em: <https://www.dancaderua.com/estilos/street-dance/sobre-ragga-jam%C2%AE>. Acesso em: 13 fev. 2020.

DANÇA DE RUA. **Waacking/Punking.** 2011. Disponível em: <https://www.dancaderua.com/estilos/street-dance/waacking-punking>. Acesso em: 13 fev. 2020.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop.** 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2008.

DITEAL. **Complexo Cultural.** Disponível em: <http://www.diteal.al.gov.br/institucional/complexo-cultural>. Acesso em: 19 fev. 2020.

DITEAL. **Teatro de Arena.** Disponível em: <http://www.diteal.al.gov.br/institucional/teatro-de-arena>. Acesso em: 19 fev. 2020.

DITEAL. **Teatro Deodoro.** Disponível em: <http://www.diteal.al.gov.br/institucional/teatro-deodoro>. Acesso em: 19 fev. 2020.

FOGAÇA, Jennifer Rocha Vargas. **"O que é sustentabilidade?"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o-que-e-sustentabilidade.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

GREFFE, Xavier. **A economia artisticamente criativa**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HOTEL PORTO DA PRAIA. **Os 5 melhores teatros em Maceió**. Disponível em: <https://www.hotelportodapraia.com.br/2018/05/os-5-melhores-teatros-em-maceio>. Acesso em: 10 dez. 2019.

IPED. **Princípios do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://www.iped.com.br/materias/administracao/principios-desenvolvimento-sustentavel.html>. Acesso em: 18 dez. 2019.

IZP. **Espaço Cultural Linda Mascarenhas**. Disponível em: <http://www.izp.al.gov.br/espaco-cultural/espaco-cultural-linda-mascarenhas>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MIRANDA CONTAINER. **Tipos de Containers**. Disponível em: <https://mirandacontainer.com.br/tipos-de-containers>. Acesso em: 28 jan. 2020.

MIRANDA CONTAINER. **Tipos de container: tudo o que você precisa saber sobre o assunto**. Disponível em: <https://mirandacontainer.com.br/tipos-de-container-tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-assunto>. Acesso em: 29 jan. 2020.

REDBULL. **Como tornar-se rei do *popping*, a dança que conquistou Michael Jackson**. 2019. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/popping-dance-connect>. Acesso em: 13 fev. 2020.

REDBULL. **Vogue: a dança como ferramenta de inclusão**. 2017. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/vogue-debate-sobre-genero-e-classe>. Acesso em: 13 fev. 2020.

SESC ALAGOAS. **Unidade de cultura SESC centro**. Disponível em: <https://www.sescalagoas.com.br/sesc-centro>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SIGNIFICADOS. **Significado de Hip Hop - Características e elementos do Hip Hop**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/hip-hop>. Acesso em: 05 abr. 2017.

SILVA, Marcos Solon Kretli da. **Redescobrimo a arquitetura do Archigram; Vitruvius**, 2004. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/04.048/585>. Acesso em: 09 jan. 2020.

STOODI. **“Movimento Hippie: entenda tudo sobre a contracultura de 1960!”**. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/2018/08/13/movimento-hippie>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SUBIRATIS, Eduardo. **Da Vanguarda ao Pós-moderno**. 4ª ed. São Paulo: Nobel, 1991.

TODA MATÉRIA. **Contracultura**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/contracultura>. Acesso em: 01 fev. 2020.

TODA MATÉRIA. **Pós-Modernismo**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/pos-modernismo>. Acesso em: 20 fev. 2020.

TODA MATÉRIA. **Sustentabilidade**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sustentabilidade>. Acesso em: 18 dez. 2019.

UFAL. **Espaço Cultural Salomão de Barros Lima**. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/extensao/equipamentos-culturais/espaco-cultural>. Acesso em: 10 dez. 2019.

URUCUM. **“O que é um centro social? Ou sobre a Ingovernable”**. Disponível em: <https://urucum.milharal.org/2017/05/11/sobre-a-ingovernable>. Acesso em: 18 dez. 2019.

VISITE ALAGOAS. **Complexo Cultural Teatro Deodoro**. Disponível em: <https://visitealagoas.com/agenda-cultural/complexo-cultural-teatro-deodoro>. Acesso em: 9, 10 e 13 dez. 2019.

Das ilustrações da pg 21:

LOVETOKNOW. **Ilustração.** Disponível em: https://dance.lovetoknow.com/Break_Dance_Instruction_Video. Acesso em: 26 fev. 2020.

YOUTUBE. **Ilustração** (capturada em vídeo do Forever Dance Center). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMdQwdMEHQc>. Acesso em: 26 fev. 2020.

YOUTUBE. **Ilustração** (capturada em vídeo do Vladikkun). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8zhUnwvoKZM>. Acesso em: 26 fev. 2020.

YOUTUBE. **Ilustração** (capturada em vídeo do Elements). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D1hr6gRotvQ>. Acesso em: 26 fev. 2020.

REVISTA RAÇA. **Ilustração.** Disponível em: <https://revistaraca.com.br/musicas-de-james-brown-na-internet>. Acesso em: 26 fev. 2020.

ATRAÍDOS PELA BATIDA. **Ilustração.** Disponível em: <http://atraidospelabatida.blogspot.com/2011/04/historia-do-ragga-jam-e-sua-inventora.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

VOGUE GLOBO. **Ilustração.** Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2018/08/madonna-na-vogue-capa.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

PINTEREST. **Ilustração.** Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/323625923208661357>. Acesso em: 26 fev. 2020.

O GLOBO. **Ilustração.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/academias-cariocas-aderem-ao-stiletto-dance-9772763>. Acesso em: 26 fev. 2020.

APÊNDICE A – Materiais, mobília e equipamentos

APÊNDICE B – Planta de cobertura

APÊNDICE C – Planta baixa

APÉNDICE D – Cortes

APÊNDICE E – Piso, teto e parede

APÊNDICE F – Fachadas norte e sul

APÊNDICE G – Fachadas leste e oeste

APÊNDICE H – Perspectivas e logo